

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

VITÓRIA MARIA NOVAIS DE OLIVEIRA

“Vou pegar o *asador* e daqui *ribar*”: Experiências e expectativas de retorno de migrantes nordestinos do bairro de Cidade Tiradentes – São Paulo (1980-2020)

UBERLÂNDIA

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

VITÓRIA MARIA NOVAIS DE OLIVEIRA

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência obrigatória para obtenção dos títulos de bacharelado e licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Andréa Angelotti Carmo

“Vou pegar o *asador* e daqui *ribar*”: Experiências e expectativas de retorno de migrantes nordestinos do bairro de Cidade Tiradentes – São Paulo (1980-2020)

UBERLÂNDIA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da
UFU, MG, Brasil.

OLIVEIRA, Vitória Maria Novais de. **“Vou pegar o *asador* e daqui *ribar*”:
Experiências e expectativas de retorno de migrantes nordestinos do bairro de
Cidade Tiradentes – São Paulo (1980-2020) – Uberlândia, 2020.**

Orientação: Profa. Dra. Maria Andréa Angelotti Carmo

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação
em História.

Inclui bibliografia.

Palavras-chave: Migração interna; migração nordestina; Cidade Tiradentes; São Paulo.

VITÓRIA MARIA NOVAIS DE OLIVEIRA

“Vou pegar o *asador* e daqui *ribar*”: Experiências e expectativas de retorno de migrantes nordestinos do bairro de Cidade Tiradentes – São Paulo (1980-2020)

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência obrigatória para obtenção dos títulos de bacharelado e licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Andréa Angelotti Carmo

Uberlândia, 15 de dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Andréa Angelotti Carmo

Profa. Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcelos
Instituto de História/UFU

Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais
Instituto de História/UFU

À minha mãe, que baiana em São Paulo me criou Nordeste, e à nossa família, primeira geração Gomes Novais na turbulenta terra da garoa. Às mulheres que vieram antes de mim.

AGRADECIMENTOS

Tarefa difícil essa a de transpor em palavras a importância e o significado das contribuições de pessoas, grupos, lugares e instituições que, direta ou indiretamente, me acolheram e guiaram nesta jornada. Tentarei, no entanto, com afinho e especial afeto agradecer-lhes, porque se escrito a duas mãos, este é na verdade um trabalho feito por muitos corações.

As discussões e reflexões propostas neste estudo resultam, principalmente, das horas de conversa, das trocas e escuta atenta de minha parte às histórias de vida das pessoas que se dispuseram a compartilhar suas experiências comigo. A elas agradeço, em primeiro lugar. Na prática, Eleni, Lúcia e Manoel me ensinaram que produzir História significa reconhecer agências das pessoas ditas “comuns”, que por seus movimentos no mundo dão corda e vida à grande máquina, o tempo. Tia Lúcia e tio Mano, que orgulho e prazer! Que honra poder semear suas vivências e histórias! Por meio delas espero também poder contribuir para a criação de novas interpretações acerca dos processos migratórios e, por que não, de novos modos de existir.

Neste percurso de escrita e escuta tive como guia paciente uma pesquisadora e professora excepcional que em muito me inspira. Agradeço à Maria Andréa por embarcar comigo nessa aventura e abraçar com tanto afeto a ideia que lhe chegou em um primeiro momento ainda engatinhando. Pela orientação cuidadosa, pela liberdade de escrita, pelo incentivo, por acreditar no meu potencial e na potência desta pesquisa, o meu muito obrigada, mestra! Este, e todos os trabalhos que realizamos desde 2018, são realmente nossos. A culpa disso tudo também é sua.

Por falar em paciência e cuidado, devo estender estes agradecimentos a todas as professoras e professores que na graduação me forneceram novas lentes para enxergar o mundo e que me prepararam para, por meio do ofício, transformá-lo. Menciono especialmente as professoras Ana Flávia Cernic Ramos, Ivete Batista da Silva Almeida, Marta Emísia Jacinto Barbosa e Regina Ilka Vieira Vasconcelos que me iniciaram nas artes do pensar, do pesquisar, do escrever e do ensinar; referências e grandes inspirações, vocês representam para mim exemplos não só profissionais, as admiro enquanto seres humanos, enquanto mulheres.

Permanecer na universidade só não foi missão ainda mais difícil graças às instituições e programas de estágio dos quais pude fazer parte no ambiente institucional

da Universidade Federal de Uberlândia. Desde o primeiro ano de graduação até o último, a atuação nestes espaços significou para mim não só a ampliação de aprendizados e a possibilidade de colocar em prática as lições apreendidas no curso, mas garantiu em termos materiais e financeiros a minha estadia na cidade de Uberlândia. Agradeço aos profissionais, agora companheiros de ofício, aos colegas graduandos, às coordenadoras e coordenadores, e enfim, aos parceiros e parceiras de todas as equipes com as quais tive o prazer de trabalhar e aprender durante os últimos cinco anos no Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência e Programa Residência Pedagógica, e no Museu do Índio. Ao fim da graduação, sou uma pessoa, historiadora e professora extremamente grata aos conhecimentos adquiridos nestes ambientes, onde busquei aproveitar cada momento.

Eu, também migrante, não seria metade do que pude ser em Uberlândia não fossem os grandes amigos que fiz pelo caminho, minha rede de apoio. Companheiros na alegria e na tristeza, juntos nas mesas dos bares e das salas de aula, aventureiros nas saudosas e polêmicas viagens do INHIS e nos saraus quase semanais do Santa Mônica, estas pessoas tornaram o processo de graduação mais leve, colorido e muito feliz! Parceiros nas minhas aflições e confusões acadêmicas e pessoais, Ana Carolina, Anna Luiza, Bião, Bruno, Derick, Diana, João Pedro, Hênryão, e Muniz foram grandes presentes desta jornada, com os quais pude compartilhar muito carinho e aprendizado. Obrigada, meus amigos, vocês foram para mim muitas vezes abrigo, colo quentinho, injeção de amor e ânimo na veia, e obviamente, os melhores companheiros dos almoços solidários de domingo!

À malta de camaradas, Iê Malta Nagoa! Agradeço ao meu Mestre Guimes, quem me acolheu e quem me ensina a ser grande mesmo sendo pequenininha, e me lembra ao mesmo tempo de voltar pro chão, recolher, me defender, mas nunca parar. Mestre sussurrou ao pé do meu ouvido nos últimos anos: “se bote, Vitória!”, conselho que não se aplica só à roda da Capoeira. Obrigada, Mestre, por me ensinar a gingar também na roda da vida e por me incentivar. Agradeço aos meus professores, meus mais velhos, Foguinho, Joel Canivete, Nego Braga, por me iniciarem na mandinga, me ensinarem sobre respeito e disciplina, por também me acolherem. Nina, Carine e Caracol, meu coração é de vocês! Agradeço, enfim, a todas as pessoas que fazem parte deste grupo, vocês foram para mim o que mais se aproxima da noção de família em uma cidade onde a maioria me era estranha.

Me apoiando em todo o processo de graduação, mas do “lado de lá”, agradeço ao grupo de mulheres com quem partilho a vida e tenho a imensa alegria de chamar “amigas” há um bom tempo. Jéssica, Mariana, Milena e Rafaela vocês foram porto seguro em tantos momentos que não caberiam escritos num trabalho monográfico inteiro! Obrigada por serem os ombros e ouvidos amigos, os abraços e puxões de orelha nestes últimos cinco anos em que estivemos distantes apenas fisicamente. Vocês, com quem dividido os pesos, devaneios e alegrias desta trajetória e que em tanto me inspiram, são também parte deste trabalho porque nele estão os nossos pais, as nossas famílias. Rafa, espero com este pequeno estudo poder honrar as memórias e experiências de sua mãe.

Uberlândia não foi para mim uma decisão solitária: toda a façanha foi minuciosamente arquitetada em dupla. Nos primeiros e talvez mais difíceis anos da graduação, Guilherme foi meu comparsa. Dividimos na nova cidade as desventuras, infortúnios, mas também muitas risadas e pequenas conquistas do início da vida adulta. Juntos desbravamos a UFU e os mistérios de morar longe dos pais. Agradeço a ele o apoio e parceria durante os primeiros períodos. Por toda a partilha e por ter sido, por tanto tempo, companheiro de jornada, obrigada.

Nos últimos anos da graduação, eis que uma surpresa boa: Rafael é a maior preciosidade já encontrada em uma viagem de campo patrocinada pelo INHIS. Companheiro de afeto e caminhada, lhe agradeço por ter sido meu cúmplice na execução e escrita deste trabalho. Sou grata pelo apoio e incentivo, pelas horas de escuta, por me acolher quando fui desespero durante este processo e por me lembrar sempre de voltar ao caminho da ação quando as ansiedades me paralisaram. Pelas conversas e risos à toa no escritório, regados a cervejinha e música boa, pelas últimas e boas memórias que guardarei da yoga no Bloco das Artes, do Restaurante Universitário e da Biblioteca, meu habitat natural, obrigada, meu parceiro.

Ingressar em uma universidade pública não foi uma conquista individual. Agradeço a toda a minha família, que vibrou com a notícia, mas que antes disso, sempre me incentivou e apoiou durante toda a trajetória escolar e de vida. Agradeço o apoio emocional, as mensagens e ligações carinhosas que me acompanharam durante toda a graduação. Tios e tias, se hoje a primeira geração de nossa família acessa o ensino superior é graças aos esforços de vocês!

Por fim, agradeço à minha mãe, verdadeira responsável por quase tudo que sou e um dia serei, quem com tanto cuidado me criou e incentivou. De longe, a cada “bom dia” e “até amanhã” me enviava forças e coragem para trilhar o caminho que tanto sonhei

percorrer. Mãe, que sozinha em São Paulo me educou, você está em tudo o que há em mim, e este trabalho que te dedico é tanto meu quanto seu.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o recente movimento migratório de retorno de trabalhadoras e trabalhadores nordestinos radicados em São Paulo, especificamente na Zona Leste da cidade, que observado desde os anos 1980 se manteve e avolumou nas últimas duas décadas. A partir do relato dos migrantes residentes ou que já residiram no bairro de Cidade Tiradentes tenciona-se compreender as motivações e significados do retorno para estes indivíduos. Pretende-se, além disso, observar as condições materiais de existência, bem como as relações tecidas por estes migrantes nas sociedades receptora e de origem. Busca-se ainda analisar as imbricações e especificidades das questões de gênero presentes na experiência de homens e mulheres no processo migratório.

Palavras-chave: Migração interna; migração nordestina; Cidade Tiradentes; São Paulo.

ABSTRACT

This work aims to analyze the recent return migration of northeastern workers settled in São Paulo, specifically in the city's East Zone, which has been observed since the 1980's and has grown and expanded in the last two decades. Based on the accounts of migrants presently settled or who were settled in the Cidade Tiradentes neighborhood, it is intended to understand the motivations and meanings of the return for these individuals. It is also intended to observe the material conditions of being, as well as the relationships woven by these migrants in the receiving and originating societies. It also seeks to analyze the imbrications and specificities of gender issues present in the experience of men and women in the migratory process.

Keywords: Internal migration; Northeastern migration; Cidade Tiradentes; São Paulo.

SUMÁRIO

Introdução	13
Memorial	20
Capítulo I - Entre modelos explicativos e abordagens teóricas: a experiência dos sujeitos nos movimentos migratórios	23
1.1 “ <i>Eu tomei uma garrafa de pinga pra dormir, pra esquecer que não tinha São João</i> ”	32
1.2 Cidade Tiradentes, um entre os extremos: espaços reservados ao trabalhador nordestino na metrópole paulistana	35
1.3 A migração de retorno: um Nordeste em São Paulo	47
1.4 Os projetos de retorno a partir da fala dos entrevistados	50
Capítulo II - Mesma rota, outra vivência: caminhos femininos da migração nordestina em São Paulo	57
2.1 Juntos chegamos, mas o percurso é o mesmo?	62
2.2 Novos núcleos familiares, maternidade, trabalho e aposentadoria	66
2.3 Expectativas compartilhadas de retorno	72
Considerações Finais	81
Referências Bibliográficas	83

INTRODUÇÃO

Neste estudo nossa intenção é acessar os projetos e perspectivas de retorno de trabalhadores migrantes nordestinos radicados na cidade de São Paulo, especificamente no bairro de Cidade Tiradentes, localizado na Zona Leste do município, que após viverem durante longos períodos longe de suas terras natais planejam percorrer o caminho do regresso, ou em alguns casos já regressaram.

Observado desde os anos 1980, e ligado a uma “inversão” dos fluxos migratórios registrados até aquela década, o movimento de retorno de populações nordestinas estabelecidas na região Sudeste do país se manteve e avolumou nas últimas duas décadas. Este é o panorama geral dos deslocamentos internos recentes. Além disso, as trajetórias específicas das pessoas que participaram desta pesquisa justificam a escolha do recorte temporal, estas tendo chegado à cidade de São Paulo entre o início e o fim da década de 1980. É sobre esta aparente última etapa do processo migratório, planejada desde os últimos dez anos até os dias atuais que nos debruçaremos neste estudo.

De maneira pouco mais específica, tenciona-se compreender também como as relações sociais e de trabalho mobilizaram as vidas destes sujeitos desde o momento de partida de suas terras até o retorno. Além disso, em um segundo momento, ao observar as relações estabelecidas por estes migrantes a partir de uma perspectiva de gênero, nossa intenção é compreender os limites - via de regra determinados pelo sexo - subjetivos e palpáveis presentes nas experiências narradas por estes indivíduos.

Os relatos orais destes trabalhadores constituem para nós a principal fonte deste trabalho. Compreendemos, pois, que através das narrativas orais

se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional¹.

Acolhedora das narrativas de vida das pessoas comuns, de grupos considerados “sem voz” e despojados dos espaços de diálogo necessários ao exercício da democracia,

¹ JOUTARD, Philippe. *Desafios à História Oral do Século XXI*. In: Ferreira, Marieta de Moraes (Org.) *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 34.

a história oral brasileira abriga em sua essência vínculo às questões políticas e sociais², dado o momento histórico em que se institucionaliza - redefinição democrática pós regime militar. Meihy advoga neste sentido especificidade à produção de história oral não só no Brasil, mas em toda a América Latina que experienciou no mesmo período a ascensão de regimes ditatoriais e que por muito tempo teve que lidar com a dificuldade de ressignificar o ato de narrar-se. Em decorrência desta experiência, optou-se neste trabalho por evitar o uso da expressão “depoimento”, preferimos o uso de termos como relatos, entrevistas e equivalentes; da mesma maneira, os indivíduos que conosco compartilharam narrativas são muitas vezes chamados de *colaboradores*³, porque efetivamente ocupam este espaço no processo de execução do estudo que se seguirá.

Ao valorizar o papel do indivíduo, frente a um paradigma estruturalista, a história oral “considera que a história abrange a todos – e que todas as experiências individuais são, por isso, históricas. Assim, prestigia o sujeito – *qualquer sujeito* [grifo do autor], tão significativo quanto outro, dentro de seu grupo, como agente histórico.”⁴ Por isso mesmo, comumente volta-se a grupos socialmente desfavorecidos que geralmente não teriam registrado por meios ou ações institucionais nem deixariam registros pessoais de sua história e experiências, a exemplo dos trabalhadores, das populações indígenas e quilombolas, a população negra e, enfim, os grupos de migrantes.

Inscrito como um trabalho de história oral, o estudo que aqui se desenvolve resulta principalmente da análise das discussões e assuntos suscitados de forma dialógica entre colaboradores e pesquisadora, a partir de entrevistas conduzidas de modo majoritariamente livre com um grupo de três trabalhadores. No decorrer de aproximadamente dois anos, a senhora Eleni Vasconcelos foi entrevistada três vezes, Manoel Gomes igualmente três e Lúcia Barbosa uma vez, totalizando sete entrevistas. Utilizados como material fundamental para captar suas percepções e compreender através da subjetividade destes a objetividade das estruturas e dinâmicas sociais, os relatos orais, traduzidos à linguagem escrita através da transcrição, não são aqui confrontados entre si, nem carecem de fontes complementares para o debate primordial que se pretende

² MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Desafios da História Oral Latino-Americana: O Caso do Brasil*. In: Ferreira, Marieta de Moraes (Org.) *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 86.

³ O mesmo termo é amplamente utilizado por pesquisadores de História Oral como o próprio José Carlos Sebe Bom Meihy, acima citado, e Alessandro Portelli no sentido de valorizar as contribuições destes indivíduos participantes ativos do trabalho historiográfico.

⁴ SANTHAGO, Ricardo. *Da fonte oral à história oral: debates sobre legitimidade*. Saeculum – Revista de História. João Pessoa, jan/ jun., 2008. p. 36.

estabelecer, porque não são utilizados como material auxiliar, justamente o contrário: constituem para nós, ao mesmo tempo, base e fruto da relação que se consolidou a cada encontro e entrevista⁵.

À revelia dos argumentos utilizados pela parcela dos pesquisadores que buscaram – em um debate a esta altura já superado – dirimir e inferiorizar o caráter científico da história oral em razão da carga subjetiva, e por isso, conseqüentemente questionável e passível de falhas, pensamos aqui, junto a Santhiago, nas vantagens da fonte oral e naquilo em que ganha força: não há desvirtuamento no esquecimento, nas distorções, falhas e fantasias da memória - aspectos que chamam atenção àqueles que a detratam - em história oral, tudo isso torna-se questão. “O que elas [as pessoas] acreditam é mais importante do que aquilo que de fato viveram. A pergunta essencial não é *há mentira?*, mas *por que há mentira?*. A subjetividade passa a ser, assim, objeto dos estudos em História.”⁶

Dentro desta perspectiva, realizamos desde meados do ano de 2018 entrevistas com o mesmo grupo de pessoas. Naquele momento, desenvolvendo um projeto de Iniciação Científica⁷ cujas inquietações surgiam de um mesmo fenômeno, a migração de retorno, e a partir do mesmo lugar, o bairro de Cidade Tiradentes, nossa principal pergunta era outra, ainda que buscássemos articular, como aqui, dimensões sociais e de trabalho: tentávamos verificar principalmente em que medida a decisão do retorno poderia se relacionar às constantes manifestações de preconceito a que estes trabalhadores foram alvos desde sua chegada na cidade de São Paulo.

Desde este primeiro trabalho, a maior parte das entrevistas se deu de maneira virtual. Ainda que reconhecamos a insubstituível importância da presença e expressiva distância de profundidade e alcance entre os diálogos feitos no *tête-à-tête* e aqueles mediados pelas plataformas digitais, uma vez que o discurso, a palavra dita durante uma entrevista não está nunca sozinha porque vem acompanhada da infinidade característica à linguagem não verbal e mesmo inalcançável à fala, enxergamos e acreditamos neste modo de realização de “encontro”, por ser não apenas um modo possível, como também satisfatório dentro dos limites que a tecnologia nos impõe.

⁵ Em conformidade com a visão proposta por Alessandro Portelli a respeito do trabalho em História Oral. Ver: PORTELLI, Alessandro. *História Oral como Gênero*. In. Revista Projeto História. São Paulo: n° 22, junho de 2001; PORTELLI, Alessandro. *Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores*. Revista Projeto História, São Paulo, n° 10. São Paulo: Edusc, 1993.

⁶ Ibidem, p. 38.

⁷ Desenvolvido entre agosto de 2018 e julho de 2019, o projeto resultou no texto: “Retornar é preciso”: histórias e projetos de trabalhadores nordestinos em São Paulo (1980-2018).

Assim, cada entrevista teve duração média de uma hora e todas foram gravadas mediante anuência prévia das entrevistadas e entrevistados, os quais foram desde o início do projeto informados a respeito do mote mobilizador da pesquisa. Ao início de cada encontro retomávamos a última conversa, repetição esta que de forma alguma gratuita, fez parte de nossa prática e abriu caminho para assuntos e temas ainda não revelados, ou mesmo para voltar a outros já discutidos, uma vez que, embora ciente da necessidade de abordagem de tópicos específicos para responder determinadas perguntas, nenhuma conversa foi conduzida a partir de um questionário fechado, a maioria das indagações inclusive surge no entre da entrevista, e são elas que em verdade nos conduzem.

Etapa inicial, a gravação que se torna fonte primária e resultado da entrevista, é apenas o primeiro passo do longo processo de procedimentos previstos em história oral.⁸ Em um primeiro momento transcritas de forma literal e total, observando gestos, silêncios, e expressões de forma geral, todas as entrevistas caminharam a partir desta primeira fase de conversão à linguagem escrita, código definitivo, para a sua forma final: o texto que se apresenta aqui, e que quer existir, como a analogia que assemelha as narrativas orais a um ramalhete de Ecléa Bosi: “para transformar a cidade onde ela floresceu” porque afinal, tanto ramos de flores como histórias de vida não existem para serem guardadas em gavetas, nem arquivadas como coisa.⁹

O estudo desenvolvido pelo sociólogo argelino Abdelmalek Sayad em sua obra *A Imigração ou Paradoxos da Alteridade* alicerça a base teórica deste trabalho. Dentre os conceitos empreendidos pelo autor, sua concepção do fenômeno de retorno é a mais cara para nós e constitui-se aqui como principal referência ao tema. Embora em contextos e profundidades distintos, os deslocamentos migratórios de argelinos radicados na França analisados por Sayad apresentam natureza e problemáticas análogas aos movimentos de migração nordeste-sudeste do Brasil, além de produzirem efeitos e suscitarem discussões aproximados.

Ao encarar a imigração como um “fato social total”, Sayad argumenta que deve ser prerrogativa dos estudos migratórios a adoção de uma postura crítica e cuidadosa para que não sejam suprimidas deste complexo objeto de pesquisa partes a ele constitutivas, neste caso a parte relativa à emigração. Cabe destacar que no momento em que este autor

⁸ HOLANDA, Fabíola; MEIHY José Carlos Sebe, Bom. *História Oral: Como fazer? Como pensar?* -2ed., 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019. p. 91.

⁹ HOLANDA, Fabíola; MEIHY José Carlos Sebe, Bom. *História Oral: Como fazer? Como pensar?* -2ed., São Paulo: Contexto, 2019. p. 36.

formula sua tese, as discussões relativas ao tema da imigração na França concentravam esforços em avaliar os efeitos da chegada de migrantes àquele país, desconsiderando assim o movimento que antecede a imigração. Neste sentido é que figura como inovador e torna-se referência o exame feito por Sayad, que interessado na experiência e na trajetória social do indivíduo, torna mais complexo o sujeito migrante quando compreende que todo imigrante é também emigrante de algum lugar, duas faces da mesma moeda.

Então, sob a máxima de que “o imigrante antes de ‘nascer’ para a imigração, é primeiro um emigrante”¹⁰, Sayad observa em uma primeira parte de sua obra as condições sociais e causas que determinam a partida, ao invés de centrar-se a partir do ponto de vista etnocêntrico da sociedade receptora, que se interessa pelo fenômeno apenas quando este sujeito, ao atravessar suas fronteiras, torna-se um “problema” ou uma “questão” a ser resolvida. No decorrer do livro, ao pensar as condições de existência do imigrante na sociedade francesa que o recebe, o autor perpassa por assuntos como condições de vida, trabalho, habitação, representação e o tratamento social e científico do estatuto da imigração, os quais buscamos pensar também aqui.

A perspectiva teórico metodológica que guia o trabalho aqui desenvolvido é a de uma história da migração que se atente em enxergar os sujeitos do fenômeno migratório enquanto agentes de seu próprio movimento que se mobilizam e efetivam escolhas em um determinado campo de disputas, fazendo frente a determinações puramente econômicas, políticas e estruturais. Neste sentido, a obra do historiador britânico Edward Palmer Thompson, que esgarçou as possibilidades da análise marxista ao examinar os fios que interligam socialmente estruturas econômicas à dimensão da cultura ao argumentar que “é essencial manter no espírito o fato de os fenômenos sociais e culturais não estarem ‘à reboque’, seguindo os fenômenos econômicos a distância: eles estão em seu surgimento, presos na mesma rede de relações”¹¹, reconhecendo portanto a importância de uma análise histórica que pondere a ação humana, representa para nós importante referência teórica.

Desta maneira, as experiências compartilhadas da migração e do contexto vivenciado no espaço do bairro de Cidade Tiradentes, entendidas aqui nos termos de Thompson que considera esta dimensão da experiência enquanto “a resposta mental e

¹⁰ SAYAD, Abdelmalek. *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo. Edusp, 1998. p. 18.

¹¹ THOMPSON, Edward P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001. p. 208.

emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos interrelacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento”¹², ou seja, categoria que informa não apenas o vivido mas o sentido atribuído a esta vivência pelos sujeitos, quando apreendida por meio do relato oral podem nos contar “não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”, conforme Portelli¹³, atribuindo desta forma aos fenômenos amplamente conhecidos aspectos ainda desconhecidos.

Por fim, para enfatizar o conceito de experiência proposto por Thompson e caro ao trabalho desenvolvido nas páginas seguintes, cabe destacar que é

Pela experiência os homens se tornam sujeitos, experimentam situações e relações produtivas como necessidades e interesses, como antagonismos. Eles tratam essa experiência em sua consciência e cultura e não apenas a introjetam. Ela não tem um caráter só acumulativo. Ela é fundamentalmente qualitativa.¹⁴

No primeiro capítulo realizamos uma breve retomada conceitual acerca dos modelos explicativos e abordagens teóricas geralmente utilizadas para explicar o fenômeno migratório. Nos detemos rapidamente aos estudos sobre as migrações internas recentes, além de discutir as condições históricas da migração nordestina para o estado e a cidade de São Paulo. Posteriormente nos debruçamos sobre o processo de constituição e desenvolvimento do bairro de Cidade Tiradentes e a evidente relação deste processo com a chegada de trabalhadores migrantes nordestinos. Por fim, os movimentos recentes de retorno atrelados às narrativas dos migrantes entrevistados durante a pesquisa fecham o capítulo.

A questão que mobiliza nosso segundo capítulo é a disparidade entre as relações tecidas e experiências vividas por homens e mulheres migrantes no interior da sociedade receptora. A partir das vivências dos sujeitos buscamos compreender, sob a perspectiva de gênero enquanto uma importante categoria de análise social e histórica, em que medida e de que maneira as trajetórias migratórias dos trabalhadores entrevistados foram atravessadas por esta dimensão das relações sociais de sexo e quais são as imbricações desta categoria ao fenômeno migratório. Em ambos os capítulos as experiências

¹² THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p.15.

¹³ PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. Projeto História, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997. p. 31.

¹⁴ THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p.99.

vivenciadas pelos migrantes nas sociedades receptora e de origem e os projetos de retorno conduzem as discussões propostas.

MEMORIAL

Fotografia 1: *Lares*



Fonte: SMAIRA, Rafael. 2020. Disponível em:
<https://fothora.wixsite.com/site/nas-ruas-da-ct>

Ao iniciar a graduação em História na Universidade Federal de Uberlândia, no ano de 2016, em uma cidade e estado desconhecidos eu não poderia imaginar que caminhos e portas se abririam para que eu pudesse passar, menos ainda os que com mais vigor e força teria que desbravar, para no fim, de certa forma, retornar através da pesquisa não só ao espaço físico do bairro e da cidade que me criaram, mas às redes e histórias das pessoas que me antecedem na formação e organização destes espaços. Contarei neste curto memorial as inspirações pessoais e o processo de elaboração e escrita deste trabalho. Encontrei neste recurso tanto um meio de me localizar, assinalar o ponto de encontro entre minhas experiências individuais e a pesquisa, produção acadêmicas; quanto uma maneira de me despedir de longe - fisicamente - do curso de graduação, que foi atravessado em diversas dimensões neste ano de 2020.

As inquietações acerca dos fenômenos migratórios me acompanham desde muito cedo, não saberei precisar um marco temporal, nem acredito que seja necessário neste movimento. O tema enquanto possibilidade de pesquisa, no entanto, surge na academia, naquele momento do curso em que nos colocamos a pensar justamente questões que nos mobilizam enquanto indivíduos e que estão comumente ligadas a um conjunto maior de fios tecidos pelas e nas estruturas sociais.

Notei aos quinze anos, durante o ensino médio, que eu não era a única estudante filha de migrantes nordestinos da escola em que estudava e que os membros de minha família também não eram os únicos migrantes no bairro de Cidade Tiradentes - onde residi com algumas idas e vindas durante os primeiros dezenove anos de vida - que

constantemente aterrorizavam os planos sérios, convictos e inadiáveis dos filhos adolescentes - paulistanos apenas por obra do acaso, para fins de registro nas certidões de nascimento - com conversas para nós ameaçadoras sobre as expectativas de retorno à terra natal.

Lembro-me de assistir a um espetáculo de teatro nesta mesma época no Instituto Pombas Urbanas que fez girar em minha cabeça uma outra chave. *Passagem Funda: Histórias de Barro e Estrelas*, peça realizada no ano de 2012 pelo coletivo Bico de Lata, lançava luz às questões de identidade e pertencimento de jovens periféricos atreladas ao processo histórico de formação e desenvolvimento do bairro de Cidade Tiradentes. Na peça os “retirantes” eram personagens fundamentais, elementos constitutivos das memórias deste “território humano”. Naquele momento entendi que não era bem uma coincidência o fato de a maioria das minhas amigas e amigos ter, assim como eu, ascendência nordestina; e muito além, eu não seria a única ou a primeira que ao tomar conhecimento deste fato, buscava compreender através de diferentes linguagens processos e histórias relacionados ao bairro e aos migrantes.

Em 2018, sob orientação da professora Maria Andréa Angelotti Carmo dou os pontapés iniciais para transformar as tantas perguntas que carregava comigo já há algum tempo em questões para a investigação histórica. De início entendi, concordando com Andréa e discordando de muitos historiadores, que a pesquisa a ser desenvolvida não envolveria exatamente um *objeto* de pesquisa, mas *sujeitos* de uma História. Esta deve ter sido a maior das chaves acionadas durante a graduação, e que me permitiu *ouvir* e *tratar* com mais cuidado das fontes usadas neste trabalho.

A trinta quilômetros de distância do centro da cidade – e é importante enfatizar – o maior conjunto habitacional da América Latina se ergue em prédios multicoloridos padronizados: dois quartos, sala, cozinha, aproximadamente 45m². Nos apartamentos quase idênticos da COHAB moram pessoas, trabalhadores das mais diversas áreas e ocupações, migrantes nordestinos, mineiros e mais recentemente haitianos e nigerianos. Assim, apesar da paisagem por vezes constante, é a inconstância e diversidade das histórias destas pessoas que mais chama atenção. Por aproximadas que sejam em termos do compartilhamento de experiências semelhantes, cada janelinha abriga um lar específico. Registrar para tentar compreender e replicar as histórias de alguns destes lares é parte talvez do esforço de entender o meu próprio lar, as famílias de amigas e amigos, por isso não é fortuita a participação de pessoas próximas a mim na elaboração deste trabalho.

Considero que o trabalho com fonte oral, apesar das longas horas de transcrição, representa um dos presentes que pude me dar enquanto pesquisadora. Esta valiosa ferramenta que aprendi, e aprendo a cada dia, a utilizar me parece um caminho sem volta no que diz respeito a uma trajetória acadêmica. Não porque seja, de forma alguma, mais “reveladora” ou “verdadeira” que qualquer outra fonte histórica, mas porque nos permite, em primeiro lugar, elaborar e reelaborar no momento presente narrativas sob uma perspectiva que talvez de outros modos não seriam apreendidas; em segundo lugar porque me faz recordar as razões pelas quais escolhi cursar a graduação em História. Aos dezessete, em visita escolar à Ocupação Mauá, em São Paulo, a decisão do curso veio junto com a percepção de que “algumas histórias *precisam* ser contadas”. Fico feliz por ter seguido, mesmo sem ter percebido de maneira consciente nos primeiros momentos, este caminho.

O tal do friozinho na barriga que antecede cada entrevista, mesmo as virtuais que foram maioria no processo de elaboração do trabalho que se seguirá, talvez só não seja mais enérgico e prazeroso do que a satisfação de poder “devolver” aos entrevistados o documento pronto e finalizado com as reflexões propostas a partir de suas contribuições. Escrevo este memorial já ansiosa por este momento.

Pessoalmente, a realização deste trabalho excede a função acadêmica do cumprimento de uma atividade para obtenção de um título porque os significados e discussões tecidas nas próximas páginas de certa forma antecedem a Vitória pesquisadora, mas é somente através dela que se tornam possíveis. Assim, peço licença para falar daqui por diante, com ajuda do aporte teórico e das fontes, enquanto historiadora.

CAPÍTULO I

ENTRE MODELOS EXPLICATIVOS E ABORDAGENS TEÓRICAS: A EXPERIÊNCIA DOS SUJEITOS NOS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS

*“Eu quase que não consigo
ficar na cidade sem viver contrariado [...]
sou como rês desgarrada
nessa multidão boiada caminhando a
esmo.”*

*Lamento sertanejo, composição de
Dominginhos, 1979.*

*“Por onde andei, cantei
os costumes e coisas do meu povo
tou de volta aqui de novo
de chapéu de couro e gibão.”*
*Retorno do Rei, composição de Luiz
Gonzaga, 1984.*

Observáveis em todas as sociedades, em diferentes contextos e com características diversas, os movimentos migratórios tornaram-se, principalmente após a Revolução Industrial, fenômenos recorrentes e constituintes da formação das sociedades modernas. Desta maneira, a partir do século XIX, a análise sistemática dos deslocamentos populacionais passou a configurar-se como ferramenta de grande utilidade para a compreensão do mundo que se estruturava, despertando o interesse das diversas áreas do conhecimento humano e social.

A análise desenvolvida por Ravenstein em 1885 é pioneira da teoria moderna das migrações¹⁵ e se desdobrou entre várias linhas contemporâneas de investigação teórica,

¹⁵ Utilizando os dados censitários sobre os deslocamentos internos da população da Inglaterra e do País de Gales entre os anos 1871 e 1881, Ernest George Ravenstein, geógrafo inglês, formulou as chamadas Leis da Migração (*Laws of Migration*), nas quais o estudioso elencou fatores de atração e repulsão estritamente relacionados aos fatores econômicos para explicar o fenômeno migratório e provar que não havia aleatoriedade nas escolhas geográficas dos indivíduos. Para mais, ver: CASTRO, Fátima Velez de. *Imigração e territórios em mudança: Teoria e prática(s) do modelo de atração-repulsão numa região de baixas densidades*. Cadernos de Geografia nº 30/31 - 2011/12 Coimbra, FLUC - pp. 203-213; KLEIN,

nas quais é possível observar ainda hoje a influência e continuidade do uso de alguns conceitos, modelos explicativos e enfoques daqueles desenvolvidos em meados do século XIX - que sob o contexto dos processos de industrialização, consolidação das sociedades industriais europeias e expansão do capitalismo tendiam a focar em tais características; em consonância também com o modo de produção capitalista que se estabelecia, a migração é neste momento positivada e considerada como alicerce essencial à modernização pelos estudiosos do período.¹⁶ Allan B. Simmons, ao empreender uma breve revisão da teoria geral da migração¹⁷, demonstra como os pontos de vista desenvolvidos àquela época foram influenciados pela terminologia e pelas imagens do mundo industrial, de onde é possível que tenhamos herdado, por exemplo, o uso de termos como “atração”, “expulsão”, “fluxos”, “pressões”, e ainda perspectivas de análise nos estudos sobre migração.

Desde a formulação de Ravenstein o interesse pelo fenômeno migratório entre as distintas áreas do conhecimento, bem como as produções acadêmicas em torno do assunto fizeram-se cada vez mais crescentes, propondo diferentes modelos explicativos, abordagens teóricas e métodos de investigação ao tema. Como apontado por Simmons, as investigações e explicações sobre os movimentos migratórios elaboradas nos últimos séculos se desenvolveram em três direções principais: uma primeira voltou-se ao passado para observar, principalmente nos países europeus, os períodos anteriores à industrialização; a segunda, por outro lado, estendeu seu alcance de análise aos países não europeus e em desenvolvimento, geralmente àqueles anteriormente colonizados; e por último, o estudo de tendências migratórias internas e internacionais recentes. É neste sentido que, ao fim da década de 1980, Simmons indica a existência de uma crise teórica, e chama a atenção à “cacofonia” de conceitos sobre a migração, uma vez que cada “novo” movimento e sua aproximação conceitual ofereceram desafios aos modelos e enfoques já existentes, dificultando ao mesmo tempo a integração de novas perspectivas e conclusões. Ao demonstrar a dificuldade de adequação de processos migratórios - que não são

Maria Regina. *Migrações internas: um estudo do Município de Novo Hamburgo (RS)*. Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 603-632, nov. 2012.

¹⁶ Carlos Américo Pacheco e Neide Patarra discutem mais amplamente as chamadas Leis de Ravenstein e a emergência da questão migratória no contexto da Revolução Industrial no artigo “*Movimentos migratórios anos 80: novos padrões?*” In: BAENINGER, Rosana; BÓGUS, Lúcia; JANNUZZI, Paulo; PATARRA, Neide. (orgs.) “*Migração, condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo 1980-1993*”. Campinas, SP: UNICAMP. IE, 1997. p. 26-52.

¹⁷ SIMMONS, Allan B. “*Explicando la migración: la teoría en la encrucijada*”. Revista Estudios Demograficos y Urbanos, vol. 6, n.1, p. 5-31. México. El Colegio de Mexico, (jan -abr), 1991.

exatamente novos, mas que foram recentemente percebidos pelos estudiosos - a antigos modelos explicativos, o autor argumenta que a busca incessante por classificações e pela elaboração de modelos mantém bases teóricas geralmente inconsistentes que acabam por resultar em trabalhos e análises meramente descritivos.

Embora não caiba aqui uma revisão completa das tipologias e modelos já desenvolvidos para explicar os processos migratórios - exercício empreendido com sucesso por autores como o próprio Simmons - nem tampouco se pretenda neste trabalho esgotar uma avaliação sistemática de enfoques teóricos, vale assinalar de forma breve duas abordagens apontadas por este autor que nos ajudarão a compreender a base das interpretações recentes sobre a teoria da migração, ao mesmo tempo em que poderão dialogar melhor com as ideias articuladas neste estudo.

A partir de um enfoque *causal*, a maioria dos estudos sobre migração buscou classificar os diferentes tipos de mobilidade populacional e sugerir vínculos que um determinado padrão migratório poderia ter com acontecimentos sociais, econômicos, ecológicos e/ou políticos. Simmons (1991) argumenta que, por vezes, estas investigações acabaram por compor generalizações sobre os padrões migratórios e marcos conceituais sem, contudo, oferecer explicações. Outros estudos que intentam através de dados estatísticos sustentar um modelo analítico amplo eventualmente proporcionam apenas uma representação parcial deste modelo. No entanto, para além desses exemplos, a abordagem de causalidade inclui importantes escolas de pensamento sobre migração. São basicamente dois os modelos explicativos: os *enfoques lineares* e os *modelos recorrentes e sistêmicos*.

Os *enfoques lineares*, baseados no que Simmons chama de marcos de análises causais não recorrentes, concebem que a migração pode ser explicada pela ação de forças sociais, econômicas, políticas e ecológicas, ou a junção de todas elas, que precedem a movimentação populacional em uma relação temporal de causa e efeito. Neste enfoque, a identificação de forças particulares e a sequência temporal de causalidade constituem implicitamente uma explicação. Já os *modelos recorrentes e sistêmicos* são enfoques que argumentam que os padrões de migração são interdependentes - ou seja, tanto causados como determinantes - das forças sociais, políticas, econômicas e ecológicas que produzem estes mesmos movimentos, determinados por variáveis mútuas em um sistema mais amplo. Nestas interpretações os padrões específicos de mobilidade e migração são determinados por operações deste sistema que depende em parte do papel desempenhado por um determinado padrão migratório.

Por fim, entre os *modelos sistêmicos*, dois diferentes enfoques recorrentes conduziram as investigações sobre migrações nas últimas décadas: o primeiro é o modelo neoclássico de urbanização e crescimento econômico de “dois setores”, e o segundo, de inspiração neomarxista, é o modelo de “articulação” dos “modos de produção”. Ambos são marcos amplos de análise, nos quais se inscrevem uma multiplicidade de autores.

A partir do modelo de crescimento econômico neoclássico de dois setores, agricultura e indústria, é que se deriva um dos primeiros enfoques globais explicitamente *sistêmico*. O pressuposto defendido por este modelo é que o crescimento econômico envolve aumentos graduais da produtividade na indústria urbana e na agricultura rural. Neste sentido, a transferência da mão de obra excedente advinda dos campos - onde a maior parte dos trabalhadores rurais tende a ser substituída com o aumento da mecanização - é uma das dimensões necessárias ao crescimento econômico. Estritamente econômica, a perspectiva neoclássica entende que o crescimento econômico é uma função da tecnologia, dos mercados livres capital, bens e trabalho; mas não se preocupa em explicar como ocorrem esses processos e porque este sistema se estabeleceu. Simmons, no entanto, afirma que as condições e proposições que sustentam este modelo podem ser menos válidas para interpretar contextos não europeus e movimentos migratórios contemporâneos.

O modelo neomarxista de articulação possui enfoque sistêmico no sentido em que busca argumentar que os ganhos econômicos ligados à migração permitem que este arranjo se reproduza a si mesmo. Isso significa dizer que dentro desta perspectiva os movimentos migratórios estão inseridos em um amplo sistema de organização, que baseado no lucro, ao criar de um lado a demanda por mão de obra, cria de outro, a constante necessidade de migrar. Ao contrário do modelo neoclássico, é fundamentalmente atento à questão estrutural das forças presentes na formação dos vários tipos de mercados, e a forma como se relacionam entre si é geralmente percebida como resultado dos conflitos de classes.

No tocante aos estudos sobre migração no Brasil, a década de 1980 representou a necessidade de uma virada nas interpretações e perspectivas de análise. A constatação de uma alteração nas tendências de deslocamentos populacionais até então observados fez com que pesquisadores se perguntassem sobre a ocorrência de padrões migratórios

inéditos, e mais precisamente sobre a existência de um padrão migratório único de maneira geral¹⁸.

Antes de nos determos, no entanto, às alterações migratórias observadas em 1980, a chamada “década perdida” no que se refere à capacidade de geração de empregos e acúmulo de capital na cidade que representava à época a porta de entrada ao mercado de trabalho formal no país, cabe examinar brevemente, com auxílio da literatura sobre o tema, como se organizavam os deslocamentos internos até aquele momento, especialmente os fluxos de trabalhadores nordestinos para o Sudeste e para a cidade de São Paulo, bem como a produção de análises sobre o assunto.

A década de 1940 representou para a cidade São Paulo um período de excepcional expansão urbana e industrial. O processo acelerado de desenvolvimento econômico impôs uma série de desafios aos trabalhadores, tanto no campo da produção quanto no das condições de vida de modo geral. Problemas relacionados à infraestrutura urbana e especulação imobiliária surgiram e se agravaram, e importantes modificações ligadas ao processo de industrialização se deram no mercado de trabalho. Entre as consequências destes fenômenos na vida dos trabalhadores, ganha destaque o intenso processo de migração de trabalhadores das zonas rurais do interior paulista, de Minas Gerais e dos estados do Nordeste de maneira geral, processo que alterou a composição da classe operária e resultou em fundamentais mudanças políticas e culturais.¹⁹

Embora expressivo, o adensamento do fluxo de trabalhadores migrantes nordestinos para a cidade de São Paulo neste período remonta uma antiga relação entre dinâmica econômica e deslocamento populacional, que desde muito contribui para a mobilização de indivíduos das regiões Norte e Nordeste para o Sudeste. Em meados do século XIX, por exemplo, por influência do fim do tráfico negreiro e a pretexto de sustentar uma economia única, a do Império Brasileiro, estimulou-se a transferência de trabalhadores negros escravizados das consideradas áreas de economia estagnada no Nordeste e em Minas Gerais para a região do Vale do Paraíba, como solução à falta de

¹⁸ Ver: BAENINGER, Rosana; BÓGUS, Lúcia; JANNUZZI, Paulo; PATARRA, Neide. (orgs.) *“Migração, condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo 1980-1993”*. Campinas, SP: UNICAMP. IE, 1997.

¹⁹ FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945 – 1966)*. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2002. p. 13.

mão de obra para atuação nas lavouras de café, principal atividade econômica da época que se expandia a passos largos.²⁰

O ritmo acelerado de expansão da produção cafeeira e a atmosfera pré-abolicionista que pesava no ar e sobre os ombros dos grandes produtores do café contribuíram para que tal solução se configurasse apenas como temporária. Ao final da década de 1880 a saída para a suposta falta de mão de obra no país e principalmente no Oeste paulista foi a promoção da imigração europeia subvencionada pelo governo estadual. Curiosamente, esta solução atendia também aspirações eugênicas e higienizantes de uma elite paulista que objetivava “clarear” a população.²¹ Desta maneira, segundo Silva, o Estado de São Paulo recebeu na década de 1890, auge da migração estrangeira para o Brasil, 70% dos mais de um milhão de imigrantes que adentram ao país, mão de obra que é neste momento considerada a melhor opção ao fazendeiro paulista, em detrimento ao trabalhador livre nacional, indolente e inerte²². Pecha que será mais tarde especialmente atribuída ao imigrante nordestino e que perdurará por muito no imaginário nacional.

Mais tarde, em 1930, em um contexto de crise econômica mundial após a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque e a passagem no Brasil de uma dinâmica econômica baseada exclusivamente no setor agroexportador para a constituição de um mercado interno e industrial, notou-se uma transformação significativa do ponto de vista demográfico: diminuição da participação de migrantes estrangeiros e acréscimos nas trocas populacionais entre estados. Assim, segundo Silva (SILVA, 2008, p 19), é na década de 1930 que se inicia um padrão migratório que duraria por mais ou menos cinquenta anos. Como resposta à crise econômica, uma das medidas adotadas pelo Estado foi novamente subvencionar o transporte e a contratação de trabalhadores migrantes, desta vez, imigrantes nacionais para atuação nas lavouras paulistas, inicialmente nos cafezais e mais tarde nas culturas de laranja, cana de açúcar, feijão, milho e algodão. Em 1935 o então governador do Estado de São Paulo, Armando Salles de Oliveira, por meio da Secretaria de Agricultura, sancionou uma política de estímulo à migração de

²⁰ SILVA, Uvanderison Vitor da. *Velhos caminhos, novos destinos: Migrante nordestino na Região Metropolitana de São Paulo*. Tese (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. p.15.

²¹ MAIA, Kenia Soares; ZAMORA, Maria Helena Navas. *O Brasil e a Lógica racial: do branqueamento à produção de subjetividade do Racismo*. Psic. Clin., Rio de Janeiro, vol. 30, n.2, p. 265 – 286, 2018.

²² SILVA, Uvanderison Vitor da. *Velhos caminhos, novos destinos: Migrante nordestino na Região Metropolitana de São Paulo*. Tese (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. p. 17.

trabalhadores nacionais, principalmente mineiros e baianos, em direção às lavouras do interior de São Paulo. Chegando à cidade de São Paulo, estes trabalhadores ficavam alojados na Hospedaria do Imigrante, localizada no bairro do Brás e de lá eram direcionados para as fazendas no interior do Estado.

Ainda segundo Silva (SILVA, 2008, p. 22) a implementação desta política não acontece sem resistência de certos setores paulistas que reivindicavam pela continuidade de um incentivo estatal nos antigos moldes: direcionado a trabalhadores estrangeiros. Ora, os estereótipos embasados em paradigmas naturalistas gestados ao fim do século XIX ainda marcavam os diferentes espaços e populações: se o Sul representava o centro dos elementos arianos de nacionalidade e o local de uma aristocracia psicologicamente superior, no Norte espriavam-se as gentes bárbaras, incultas e desorganizadas, o fruto deteriorado da mestiçagem e do meio.²³ A inserção destes trabalhadores nordestinos e mineiros, associados ao quadro de um Brasil colonial, escravocrata e atrasado não condizia com a imagem da “locomotiva do Brasil”.

A partir dos anos 1950 a migração de mineiros e nordestinos para São Paulo deixa de contar com uma política oficial de subvenção de deslocamento pelo governo estadual, que, no entanto, passa a ser incentivada por meio dos discursos inflamados de elogio ao êxodo rural como característica sintomática de progresso e desenvolvimento econômico, e portanto endossada por grandes figuras públicas e políticas do período²⁴. A intensificação do processo de industrialização tornou-se anseio nacional. A década de 1950 figura então como momento de inflexão na dinâmica migratória interna. Segundo Silva (SILVA, 2008, p. 28), pela primeira vez o número de migrantes de outros estados superou o de migrantes do interior paulista: a cidade recebeu aproximadamente 1.000.000 pessoas no período, sendo que 60% deles nasceram fora de São Paulo. O autor interpreta que a migração interna neste momento foi tomada como parte do projeto desenvolvimentista modernizador e até como solução aos problemas climáticos, sociais verificados no Nordeste. Até a década de 1980 este fluxo se mantém estável.

Os estudos sociológicos sobre migração interna produzidos nas décadas de 1950 e 1960, ao tentar compreender as transformações pelas quais passava o país desde os anos

²³ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2ª ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001. p. 57.

²⁴ Ver: Mensagem de Juscelino Kubitschek de Oliveira ao Congresso Nacional em SILVA, Uvander Vitor da. *Velhos caminhos, novos destinos: Migrante nordestino na Região Metropolitana de São Paulo*. Tese (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. p. 26.

1930, interpretaram estes deslocamentos como “a passagem de sociedades e culturas tradicionais e arcaicas para as cidades, espaços do desenvolvimento industrial e do moderno. Os imigrantes, desta forma, estariam como que transpondo ‘literalmente em poucos dias várias épocas da evolução socioeconômica.’”²⁵ Atualmente superada, tal visão já foi rejeitada em trabalhos desenvolvidos nas décadas seguintes e anos recentes. No entanto, podemos observar ainda em produções da última década o esforço em atribuir aos percursos migratórios sentido estritamente relacionado ao jogo político e/ou econômico conduzido por um grupo social e sistema específicos e soberanos.²⁶ Desta forma, encarado como resultado de um planejamento econômico e social minuciosamente arquitetado pelo Estado e por camadas abastadas da sociedade, o principal movimento migratório interno do século XX estaria relegado à uma interpretação que o afasta do sujeito da ação: neste caso o próprio migrante.

Na contramão destas análises, a historiografia recente, muito influenciada pela chamada revolução historiográfica promovida por historiadores sociais britânicos da década de 1960, em particular Edward P. Thompson, tem buscado perceber tais processos migratórios não apenas como reflexos de forças econômicas estabelecidas externamente, ainda que nelas estejam imersos. Ao dar ênfase à agência dos migrantes, trabalhos como os de Paulo Fontes, buscam valorizar a experiência e a memória destes sujeitos, compreendendo-os como agentes do seu próprio movimento, que sob estratégias diversas deram contorno ao processo migratório²⁷. Ao contestar a imagem de uma migração desordenada, irracional, quase animalesca e desesperada presente no imaginário social brasileiro a respeito dos deslocamentos de trabalhadores nordestinos em direção a São Paulo, Paulo Fontes apresenta o quadro de atrativos que operou na racionalidade destes fluxos nas décadas de 1940 e 1950: para além do emprego e salários mais elevados, os direitos trabalhistas e os benefícios associados à cidade grande como ampla infraestrutura

²⁵ FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945 – 1966)*. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2002. p. 30.

²⁶ Uvanderilson Silva, no primeiro capítulo de sua já citada Tese de Mestrado, define como esforço central do capítulo mostrar que os caminhos percorridos por estes migrantes não foram traçados ao acaso. Ao contrário, foram resultado de um investimento político.

²⁷ FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945 – 1966)*. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2002. p. 66. Nesta obra, ao buscar problematizar a heterogeneidade dos trabalhadores e rebatendo as críticas feitas ao trabalho de Thompson nas décadas de 1970 e 1980, o autor esgarça seu horizonte de análise para perceber a formação do operariado paulista para além do “mundo do trabalho” e enxerga nas relações étnicas e de gênero, nas experiências urbanas e na cultura operária, possíveis articulações entre os processos de formação de classe e de sua ação coletiva.

hospitalar e educacional, foram fatores de grande apelo, uma vez que estas condições se diferenciavam das precariedades do trabalho no campo no mesmo período.

Em perspectiva aproximada no que tange à problematização de chaves de análise usuais e consagradas, Albuquerque Jr em *A Invenção do Nordeste e outras artes*, na escrita do que o autor afirma ser uma obra que historiciza conceitos, desnaturaliza concepções tomadas como pressupostas e a partir de então analisa como se deu a construção das imagens e discursos elaborados a respeito da região comumente chamada Nordeste. Ao demonstrar que o processo de formulação das identidades regionais e mesmo das regiões em si está longe de ser linear e ascendente, Albuquerque Jr apresenta-nos um emaranhado de fios tecidos no desenrolar histórico, que pela repetição foram capazes de fundamentar e reproduzir estereótipos sobre o Nordeste e os nordestinos. Nestes sentidos, tanto de Albuquerque Jr, quanto de Paulo Fontes é que será baseado o estudo que aqui se desenvolve.

De volta à década de 1980, Queiroz e Baeninger (2013) apontam fatores possivelmente relacionados à inversão dos destinos migratórios notada neste período. Segundo estas autoras a ocorrência de relevantes mudanças econômicas no país, como o processo de esgotamento das fronteiras agrícolas e o processo de desconcentração relativa da indústria e conseqüente alteração da distribuição das atividades econômicas, gerou notórios impactos sobre os movimentos migratórios. A desconcentração relativa da indústria, além de possibilitar refluxos migratórios nas direções que até a década de 1970 “expulsavam” população, reteve possíveis migrantes. Dentre os aspectos que indicaram já na década de 1980 a expansão dos espaços de migração e que se mantiveram na década seguinte, as autoras indicam que “houve a recuperação migratória no âmbito intrarregional de ‘espaços perdedores’ no âmbito nacional, especialmente os estados nordestinos”.²⁸ Enquanto, por outro lado, metrópoles registraram menor índice de imigração, a exemplo da cidade de São Paulo que desde a década de 1960 figurava como principal destino de migrantes de todo o país, e passou a registrar sensível diminuição nas taxas de crescimento e imigração.

É neste sentido que, buscando evidenciar a articulação dos processos migratórios à uma ampla dinâmica econômica, mais do que somente encarar como “novos” tais movimentos, Pacheco e Patarra apontaram:

²⁸ BAENINGER, Rosana; QUEIROZ, Silvana Nunes de. “*Migração de Retorno: O Caso Recente das Migrações Cearenses*”. Revista Econômica do Nordeste. Fortaleza, v. 44, n. 4, p. 833-850, out-dez 2013.

Brasil da década de 80 era um prenúncio dos dilemas que passamos a assistir com maior violência no anos 90: baixa capacidade de acomodar as tensões sociais e de incorporar novos indivíduos ao mercado formal de trabalho; uma interiorização do desenvolvimento que decorre mais da debilidade das economias metropolitanas que do crescimento sustentado por diversos *hinterlands* desse país; intensa mobilidade espacial da população, dentro de uma tipologia de movimentos bem mais complexa do que os padrões clássicos de migração de longa distância das décadas passadas; insegurança social decorrente da incapacidade de reproduzir a mobilidade social do período anterior e de reduzir a desigualdade²⁹.

A redução do crescimento econômico e consequente precarização dos principais mercados de trabalho na região que até aquele momento representava a mais fácil via de acesso ao emprego formal, portanto, pode ter contribuído também para as alterações nos padrões de deslocamento que se verificariam nas décadas seguintes, tornando cada vez mais complexas as interpretações desenvolvidas acerca do fenômeno migratório.

1.1 “Eu tomei uma garrafa de pinga pra dormir, pra esquecer que não tinha São João”

Contém na decisão individual do ato migratório uma gama diversificada de motivos que justificam o movimento primeiro de partida da terra-natal. Estes motivos podem variar de acordo com a faixa etária, gênero, estado civil, projetos familiares e sobretudo, estratégias e propósitos particulares de vida, que se relacionam tanto com as condições da emigração quanto com os objetivos almejados e previstos como consequência do movimento imigratório. A dimensão dos sonhos e aspirações individuais geralmente não figura como quesito em pesquisas censitárias, por exemplo, e, portanto, para acessá-los nenhum documento se apresenta tão rico em detalhes e possibilidades como o documento oral.

Neste sentido, se variados são os motivos individuais que levaram trabalhadores nordestinos a migrarem para São Paulo, aspecto comum deste fenômeno em suas narrativas é a saudade “de casa” e de tudo o que a noção casa pode representar e carregar consigo: a família, os costumes, o clima e mesmo a infância; as dificuldades de adaptação

²⁹ PACHECO, Carlos Américo; PATARRA, Neide. *Movimentos migratórios anos 80: novos padrões?* In: BAENINGER, Rosana; BÓGUS, Lúcia; JANNUZZI, Paulo; PATARRA, Neide. (orgs.) *Migração, condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo 1980-1993*. Campinas, SP: UNICAMP. IE, 1997. p. 49.

ao novo espaço e às novas relações estabelecidas e organizadas no ambiente da cidade receptora também figuram enquanto aspectos recorrentes nas discussões tecidas por estes migrantes.

“Quando eu vim para São Paulo não foi em busca de trabalho. Eu vim de livre e espontânea vontade.”³⁰ O senhor Manoel, único homem em nosso grupo de entrevistados, quando nos conta sobre a chegada em São Paulo afirma que “foi uma coisa bem engraçada” porque em sua juventude, na realidade, sonhava em conhecer o Brasil “de cabo a rabo” e se fixar na cidade do Rio de Janeiro, pela qual cultivava intensa admiração ainda que seu conhecimento a respeito do lugar fosse proveniente do “ouvir falar”. Em tom quase aventureiro, Manoel diz dos caminhos que o encaminharam à terra da garoa, última das cidades no Brasil que desejava visitar e na qual jamais tinha imaginado passar a vida.

Baiano, de Mutuípe, Manoel residiu por dois anos na capital de seu estado antes viajar ao acaso para São Paulo: seu tio, que era também seu padrinho, de férias do trabalho retornara ao interior da Bahia para passar o período das festas de fim de ano com a família e o convidara para acompanhá-lo na volta a São Paulo a fim que visitasse a cidade. Passagens do trajeto Salvador - Mutuípe para encontrar tio Fausto e de Mutuípe - São Paulo em sua companhia pagas pelo irmão mais velho, Manoel pega a estrada em 1975.

Ao contrário, a senhora Lúcia, natural também da cidade de Mutuípe, Bahia, declara que “o sonho pra gente era sair dali e ir pra algum lugar”³¹. Proibida pelo pai de ir para o Rio de Janeiro morar com um primo, ela decide pela rota mais viável, onde além de poder contar com o auxílio de irmãs e irmãos mais velhos, teria a aprovação de seus pais, justamente porque não estaria completamente desamparada do núcleo familiar mais próximo. Das saudades que carregou no peito e das dificuldades que enfrentou no âmbito da procura por emprego, da moradia compartilhada com os familiares, estabelecimento na cidade e adaptação às novas dinâmicas, enfim, chama-nos atenção a falta que fez a celebração de sua festa preferida na infância e adolescência em seu primeiro ano na cidade grande:

“No primeiro São João que eu passei [em São Paulo] foi tão difícil que eu bebi uma garrafa de pinga pra dormir. Quando eu cheguei que deu de noite, deu dia de São João e ninguém falava em São João, não tinha fogueira, não

³⁰ Relato de Manoel Gomes, 65 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 08 de agosto de 2019.

³¹ Relato de Lúcia Barbosa, 58 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 09 de abril de 2019.

tinha nada, eu falei ‘meu Deus, onde é que eu tô?’ e aí resolveu que eu tomei uma garrafa de pinga pra dormir, pra esquecer que não tinha São João.”³²

Nenhum São João seria o mesmo para ela a partir do dia 16 de janeiro de 1979, quando chega a São Paulo aos 17 anos, data que aliás sabe de cor. Embora muito nova, Lúcia afirma que seu maior desejo era sair da roça porque o trabalho da enxada era muito difícil e não haviam outros disponíveis.

Contrariando estatísticas e preceitos da literatura clássica sobre a ocorrência de migração feminina, Eleni, partindo da cidade de Cruz no Ceará, viaja a São Paulo no ano de 1989 com o intuito principal de ajudar sua mãe, que perdera recentemente o esposo. Filha mais velha em uma família de seis filhos, Eleni é a primeira mulher de seu grupo familiar mais próximo a se deslocar para São Paulo. Na casa dos vinte anos de idade ela viaja sozinha para a cidade onde permaneceria pelos próximos vinte e nove anos de sua vida.

Embora o trajeto já tivesse sido percorrido e amplamente conhecido por familiares mais distantes, como tias e tios, por exemplo, Eleni viu-se atravessar o país, mesmo sem muito amparo, após um ano do falecimento de seu pai carregando na mala a esperança de poder auxiliar financeiramente sua mãe na criação de seus irmãos, que viviam da renda de aposentadoria do pai:

“Aqui era assim: os rapaz, moça, mas mais os rapaz né, chegava a idade de dezoito anos, não tinha trabalho, ia pra São Paulo. Aí tinha namorada, aí queria fazer uma casa, não tinha condições, aí deixava a namorada aqui e ia pra São Paulo trabalhar, mandar dinheiro pra família e pra construir uma casa. Alguns voltava e casava [...]”³³

Os deslocamentos populacionais, portanto, quando observados a partir de uma ótica que leva em conta o indivíduo e o individual, podem proporcionar outras compreensões do coletivo. Este trecho de entrevista da senhora Eleni nos fornece, inclusive, pistas de movimentos migratórios diversos e divergentes daquele empreendido por ela própria: sazonais, de curta duração e visando angariar recursos para atingir objetivos específicos, além de abrir caminhos para a compreensão de uma condição específica, enquanto migrante nordestina, reveladora de aspectos característicos da migração feminina.

³²Relato de Lúcia Barbosa, 58 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 09 de abril de 2019.

³³Relato de Eleni Vasconcelos, 56 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 19 de agosto de 2018.

1.2 Cidade Tiradentes, um entre os extremos: espaços reservados ao trabalhador nordestino na metrópole paulistana

O ano de conclusão das obras de construção dos conjuntos habitacionais de Santa Etelvina em Cidade Tiradentes, em 1984, figura como marco institucional de fundação do bairro que hoje abriga o maior complexo de habitação popular da periferia da cidade de São Paulo. Composto por quatorze conjuntos de habitação e 42.369 moradias financiadas e erguidas pela Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (COHAB-SP), o empreendimento - que representa também a maior intervenção habitacional da companhia - surge na década de 1970 para atender a população de trabalhadores de baixa renda, na época estimada em 210 mil pessoas³⁴. Embora o surgimento de Cidade Tiradentes remonte a aquisição de terrenos e sequente construção dos primeiros conjuntos pela COHAB em 1975, é com a crescente chegada de moradores atraídos pela possibilidade de aquisição da casa própria por meio do financiamento de apartamento, terreno ou através da autoconstrução que o bairro se estrutura e desenvolve.

Um breve recuo ao processo de urbanização, industrialização e transformação da cidade de São Paulo no atual centro urbano se faz necessário para compreender na escolha da Zona Leste da cidade, o bairro de Cidade Tiradentes em específico, como ponto chave para análise dos movimentos de retorno de trabalhadores nordestinos nas últimas décadas.

Até a década de 1920 o crescimento urbano da cidade de São Paulo não havia ultrapassado o centro da cidade e a ocupação urbana mais distante no sentido leste alcançava o atual distrito da Penha, que está a nove quilômetros de distância do marco zero, na Sé. Em 1930 a população da cidade atingiu o primeiro milhão de habitantes, década que marca o início da transição econômica de base agroexportadora para a estrutura produtiva urbano industrial. Nos decênios seguintes observou-se a crescente estruturação do parque industrial paulistano que se consolidou em 1950, período em que se intensifica a expansão urbana em todas as direções.³⁵

O intenso processo de industrialização registrado na cidade antes e durante o período de ditadura militar exigiu um número cada vez mais crescente de trabalhadores

³⁴CASTILHO, Edmilson Peres. *“A contribuição da Habitação Popular no processo de acumulação capitalista no Brasil: o caso do Complexo Habitacional Cidade Tiradentes na periferia paulistana (1975-1998)”*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2015. p. 15.

³⁵Dados sobre a cidade de São Paulo estão sistematizados de maneira mais completa no capítulo *“O padrão periférico de crescimento urbano: rumo à região leste da cidade de São Paulo”* em sua Tese de Doutorado, citada acima.

de todas as áreas para atuar na promissora terra da garoa. Assim, a história da expansão urbana paulistana é também a história da chegada de trabalhadores migrantes de todo o país que buscavam mais e melhores possibilidades e condições de existência nos novos centros industriais. As décadas de 1950 e 1960, consideradas como período de maior expansão urbana da periferia paulistana são igualmente as décadas em que se começa a registrar o aumento da chegada de imigrantes.³⁶

Advindos de diversas regiões do país, estes trabalhadores são impedidos de morar no centro da cidade, uma vez que o custo de habitação no perímetro central - encarecido pelo processo de valorização imobiliária vigente já desde a década de 1940 - não era compatível ao orçamento do imigrante recém-chegado. Afastada, pouco povoada (até a década de 1970) e por isso mesmo acessível em termos de custo, a região leste da cidade tornou-se então um dos principais destinos para a população de baixa renda, e o bairro Cidade Tiradentes, que mesmo antes da atuação da COHAB-SP já apresentava taxas elevadas de crescimento em comparação ao restante do município³⁷, passa a receber estes trabalhadores de forma mais intensa após a construção dos conjuntos habitacionais durante a década 1980.

Entre estes migrantes, o contingente de trabalhadores provenientes da região Nordeste manteve-se, desde a década de 1970 até os anos 2000, superior ao número de trabalhadores advindos das outras regiões do país. A este respeito, Castilho (2015, p. 184) informa:

com o avanço das vias de circulação e dos meios de transporte no território brasileiro, o movimento migratório em direção a São Paulo passou a contar com uma parcela de trabalhadores migrantes de origem mais distante a partir de 1980, com destaque para a região nordeste, que até a década de 1970, representava 25,9% dos residentes não naturais da cidade de São Paulo. Em 1980 a proporção [...] subiu para 35%. [...] em 1990 subiu para 45,2% [...] até chegar ao ano 2000 com uma proporção de 51% sobre o total de migrantes residindo na cidade.

³⁶CASTILHO, Edmilson Peres. “*A contribuição da Habitação Popular no processo de acumulação capitalista no Brasil: o caso do Complexo Habitacional Cidade Tiradentes na periferia paulistana (1975-1998)*”. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2015. p. 98.

³⁷CASTILHO, Edmilson Peres. “*A contribuição da Habitação Popular no processo de acumulação capitalista no Brasil: o caso do Complexo Habitacional Cidade Tiradentes na periferia paulistana (1975-1998)*”. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2015. p. 181.

A pesquisa de Castilho que se propõe a compreender os processos de produção e aquisição da casa própria no Complexo Habitacional Cidade Tiradentes pela classe trabalhadora entre os anos de 1975 a 1998 nos auxilia a compreender a construção dos primeiros conjuntos habitacionais, consequente fundação do bairro, e posteriormente, no início da década 1980, quando se intensificou o deslocamento de trabalhadores para o Complexo Habitacional Cidade Tiradentes - que é para nós o ponto de maior interesse – as profundas relações entre a chegada dos migrantes nordestinos e o crescimento populacional e desenvolvimento do bairro de Cidade Tiradentes, como afirma o autor: “Assim como ocorreu em diversos distritos da periferia de São Paulo, o crescimento populacional de Cidade Tiradentes está diretamente relacionado à chegada de migrantes da região Nordeste que se deslocaram para lá em busca da casa própria.” (CASTILHO, 2015, p. 185).

A este respeito torna-se possível um paralelo aos estudos de Sayad, que aponta para a existência de uma estreita relação de dependência mútua entre trabalho e habitação como aspecto inerente à condição do migrante. Segundo o autor, estes elementos constituem não só as duas dimensões que estruturam toda a sua existência, mas, mais do que isso, os dois elementos que definem o estatuto do imigrante, que só existe oficialmente na medida em que possui uma habitação e um empregador: o primeiro para se alojar e o segundo para permanecer no país (SAYAD, 1998, p. 74). Da mesma maneira, os conjuntos habitacionais construídos pela COHAB nos bairros periféricos da cidade têm público alvo definido e bem direcionado na São Paulo da década de 1980: o trabalhador de baixa renda, e por consequência o trabalhador migrante. Localizado a trinta quilômetros de distância do centro da cidade, o bairro nasce enquanto cidade-dormitório: para habitar é necessário trabalhar e o contrário.

Manoel, trabalhador do ramo gráfico, oriundo da cidade de Mutuípe, Bahia, e atualmente desempregado, chega a São Paulo no ano de 1975. Após doze anos na lista de espera da COHAB, e depois de já ter residido em diversos bairros da Zona Leste da cidade, “pulando de galho em galho”, adquire o apartamento na Cidade Tiradentes, onde permanece por apenas dois anos. Atento a operacionalidade dos programas de habitação e ao modelo econômico e social no qual está inserido, seus comentários nos permitem compreender o processo de afastamento da classe trabalhadora em direção às zonas mais periféricas, tão recorrente na história das cidades do Brasil. Sob uma ótica particular, que é ao mesmo tempo coletiva, ele nos conta:

“Uns oito anos depois que eu me casei saiu essa casa, no caso o meu apartamento que foi pra Cidade Tiradentes. Não foi por opção minha que eu fui para a Cidade Tiradentes é que o sistema do governo me empurrou pra lá. Cê entendeu? Aí saiu um apartamento pra mim, aí eu optei ir pro apartamento na Cidade Tiradentes. Mas não de livre e espontânea vontade. Eu fui porque pagava aluguel, não tinha casa própria, então eu fui empurrado pra lá. Como eu sempre falo, eu nunca gostei de morar na Cidade Tiradentes, pela distância, pela condução precária. Pela quantidade de gente que existia na época e que existe de gente hoje na Cidade Tiradentes, por mais transporte que o governo, o prefeito coloque está sempre superlotado. Então é muito difícil pro morador da Cidade Tiradentes trabalhar no centro da cidade. [...] É estressante você gastar três horas pra ir e três horas pra voltar.”³⁸

Neste contexto, o termo “escolha” certamente não é o que melhor define a condição da decisão tomada por Manoel e por milhares de trabalhadores de baixa renda, migrantes ou não, residentes do bairro de Cidade Tiradentes quando adquiriram, por meio de financiamento pela COHAB, o apartamento ou terreno da casa em que hoje habitam. À época esta oportunidade figurava enquanto possibilidade única, e ainda assim nem sempre realmente acessível a todos, de obtenção da casa própria e o marco de encerramento do ciclo de custeamento de aluguéis, e de todas as inconveniências decorrentes dessa situação.

“Essas coisas de morar de aluguel é assim...” infere reticente Eleni, natural da pequena cidade de Cruz, no Ceará, ao enumerar com detalhes as diversas casas e bairros por onde passou, bem como as pessoas com quem dividiu tetos e despesas na condição de locatária desde a sua chegada em São Paulo. Até o ponto de sua história em que passa a morar em um imóvel que lhe pertence e que pode finalmente chamar de casa, a senhora Eleni parece nos relatar em tom de saga interminável o processo que a leva a adquirir seu apartamento, após se casar. Assim mesmo deve ser a sensação que ela tenta nos transmitir quando conta das mudanças que nunca param: parecem infinitas.

Queixa recorrente nas narrativas dos colaboradores entrevistados se refere às condições do transporte público oferecido pela prefeitura da cidade. Hoje, o trajeto integral diário percorrido por um morador de Cidade Tiradentes que trabalha no centro de São Paulo tem duração média de quatro horas, isso significa dizer que este trabalhador passa aproximadamente metade de sua jornada de trabalho, considerando um expediente de oito horas por dia, apenas no itinerário bairro-centro. Tempo e distância figuram

³⁸Relato de Manoel Gomes, 65 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 08 de agosto de 2019.

enquanto medidas mais ou menos precisas no que tange a relação frequentemente experimentada entre maioria da população e estes conceitos abstratos e ao mesmo tempo tangíveis, no entanto ambas aparentam se estender no cotidiano e na fala dessas pessoas:

“Então tudo era difícil assim, aquele tremção cheio, o metrô, ônibus, tudo pra ir pra Cidade Tiradentes é ruim porque é tudo contramão. Não tem nenhum transporte pra dizer assim: ‘eu vou de um transporte’, sempre tinha baldeação pra fazer. Aí se tornava longe mesmo que fosse perto, às vezes se tornava longe porque era contramão. Lá tem transporte para todos os lugares fazendo baldeação, mas é contramão porque aí você perde muito tempo: você pega aqui, desse em tal lugar, aí você pega outro, pega outro até chegar o destino que você vai, então se torna longe por isso.”³⁹

A senhora Eleni é a única migrante retornada que participou da pesquisa. Ela saiu do Ceará aos vinte e cinco anos de idade, chegando em São Paulo ao fim da década de 1980, depois de “pôr na cabeça” que encontraria uma forma de ajudar sua mãe viúva, que criava sozinha seis filhos, sendo Eleni a primogênita e também a primeira entre os irmãos a emigrar. Na fala transcrita acima, ela faz a principal e mais comum crítica entre os moradores do bairro registrada durante as entrevistas quando o assunto é a Cidade Tiradentes.

Objeto de inúmeras manchetes em jornais e chamadas na televisão, o bairro que de tão grande carrega no nome o substantivo “cidade” para dar conta da dimensão espacial de seu território, tem desde a década de 1990 sua imagem associada principalmente à violência e às altas e “preocupantes” taxas de criminalidade, visão inclusive que não raro se estende também às pessoas que nele residem. Por habitual e costumeira que seja a representação imagética negativa que usualmente se faz à Cidade Tiradentes, apenas uma pessoa entre os colaboradores entrevistados relatou ter experienciado de fato uma situação de violência. Eleni, por exemplo, ao centralizar desgostos na questão do transporte público, lembra do lugar onde morou a maior parte do tempo em que viveu em São Paulo com gratidão:

“[...] eu gostava de morar na Cidade Tiradentes! Eu gostava porque aquele lugar que eu morava era um lugar bem tranquilo, apesar do pessoal falar muito da Tiradentes que é um lugar violento, que tem muito isso, muito aquilo, eu morei lá vinte e oito anos e nunca vi nada. Chegava tarde da noite lá, nove, dez horas. A minha filha hoje chega meia noite e meia, a Amanda chega meia noite e meia, a Rafaela chega meia noite, e graças a Deus eu nunca vi nada lá. Tem

³⁹ Relato de Eleni Vasconcelos, 56 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 19 de agosto de 2018.

aquela coisa, esses negócios de droga, mas hoje em dia tem em tudo quanto é lugar, eles nunca mexeram com a gente! Não tenho nada reclamar de lá não! [...] Mas tirando isso... e o morro também né, aquele morro pra subir ele é ruim! [ela ri] mas tirando isso, foi onde nasceu as minhas filhas, onde eu criei, então eu só tenho que agradecer a Deus por ter me dado aquele lugar pra morar, era nosso!”⁴⁰

Nestas memórias, o único fator de intimidação atrelado ao bairro em que viveu por tantos anos está longe de ser o estado de violência comumente atribuído àquele espaço: preocupa mesmo é o cansaço de subir o morro íngreme para chegar em casa após o expediente diário de trabalho. Sob o argumento de que o tráfico de drogas atualmente está presente em todo o perímetro da cidade, e, portanto, distante de ser atividade corrente exclusiva da periferia, Eleni ressalta que sempre se sentiu segura de chegar a qualquer horário em seu apartamento. Mesmo tarde da noite, tanto ela como suas filhas, nunca presenciaram cenas que pudessem fazê-las sentir medo ou insegurança. “Gostar de morar de morar na Cidade Tiradentes” apesar da ladeira custosa e da distância do centro da cidade, foi para Eleni uma constante.

Ao contrário de Eleni que acaba por não entrar no profundo do detalhe de uma discussão sensível, ainda que faça um breve comentário sobre aspectos que “o pessoal fala muito” a respeito da Cidade Tiradentes, o senhor Manoel quando relata a sua trajetória em São Paulo e nos conta do período de dois anos em que morou no bairro, revela uma das faces da divisão que aparta não apenas geograficamente, mas também socialmente o trabalhador residente das áreas periféricas, e que impõe, portanto, limites ainda mais reduzidos às relações tecidas no ambiente da cidade no caso do trabalhador que é imigrante, mesmo diante dos parâmetros já encolhidos de condição de existência:

“[...] como a Cidade Tiradentes era naquela época um lugar muito distante, afastado da cidade, do centro da cidade, era bem ruim! E a gente não era bem visto quando chegava pra procurar um emprego né, ‘Ah, moro na Cidade Tiradentes’, aí morar na Cidade Tiradentes não era bem visto aquela época né, como não é até hoje! Se você fosse concorrer a uma vaga de trabalho naquela época, se você morasse na Zona Sul e tivesse dois ou três candidatos pra uma vaga de auxiliar de escritório ou qualquer coisa assim, se você morasse na Cidade Tiradentes e tivesse um da Zona Sul, você tava descartado. Você podia

⁴⁰Relato de Eleni Vasconcelos, 56 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 19 de agosto de 2018.

ter a qualificação que tivesse e aí você era descartado porque morava na Cidade Tiradentes, morava na Zona Leste né. [...] Eles pensam até hoje em relação a isso! Pensam que por morar na Zona Leste você é pobre, miserável, ladrão. É dessa maneira que a burguesia pensa até hoje de nós, em relação a isso eles não mudaram.⁴¹

Ciente da carga simbólica que acompanha o fato de residir na periferia da cidade e consciente das inconvenientes implicações derivadas deste fato, Manoel compreende que a forma como enxerga a si próprio e ao lugar onde mora difere em muito das percepções dos empregadores e sobretudo, de uma classe específica, da qual não faz parte e sobre a qual por vezes demonstra certa antipatia - e mesmo desprezo - como evidente resposta ao preconceito que vivenciou na juventude e enfrenta ainda hoje, preconceito este que embora permeie todas as relações sociais estabelecidas no âmbito da cidade, se torna ainda mais transparente nas ocasiões de procura por emprego.

De forma geral, as conversas com o senhor Manoel passavam sempre pelo debate da categoria classe como chave de análise para compreensão tanto de suas experiências individuais como para posicionar-se, por vezes, sobre variados temas da sociedade. O acionamento destas chaves não é fortuito. Manoel participou de diversas reuniões das Comunidades Eclesiais de Base na década de 1980, onde teve contato com a teoria marxista, além disso participou ativamente dos movimentos sindicais nas fábricas por onde passou, e ainda, envolveu-se nos enfrentamentos do operariado pelo direito de ocupação e construção através de mutirões da casa em que hoje habita, no bairro Jardim da Conquista⁴², situado também na Zona Leste da cidade de São Paulo.

“[...] E aí você discriminava o pessoal da Tiradentes como se fosse todo mundo favelado, marginais, essas coisas assim né? E hoje eles mudaram pouca coisa em relação a isso: se você vai procurar um emprego hoje na Zona Sul, ‘Ai, você mora da Cidade Tiradentes? Então você paga três conduções. Nós não damos o emprego pra você porque você paga três conduções’, aí o cara não quer pagar as três conduções pra gente. Aí eles alegam que pesa pro empresário, essas desculpas sem nenhum crédito, é isso que eles alegam pra nós. É o preconceito, é isso aí mesmo, não mudou nada! Eles só dão essa desculpa porque é longe, que você tem que pagar três conduções, é isso, é aquilo... Então fica difícil por causa disso. E aí eles acham que a gente que

⁴¹Relato de Manoel Gomes, 65 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 08 de agosto de 2019.

⁴²Ver: SOUSA, Adriano José de. *Cotidiano e Lutas Sociais na Periferia de São Paulo: Sujeitos Históricos da Urbanização de São Mateus (1950-1992)*. Anais do XXIV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP: História e Democracia, precisamos falar sobre isso, 2018.

mora na Zona Leste, mora na periferia, que é tudo bandido, tudo marginal, tudo essas coisas aí. Não mudou nada em relação àquela época até hoje.”⁴³

Manoel compreende, nesta fala, que embora o discurso tenha sido alterado, a lógica do preconceito permanece a mesma: neste sentido, o verdadeiro prejuízo não é financeiro, como alegam os empregadores, mas simbólico, fruto da construção de estereótipos que correlacionam a figura do trabalhador periférico às imagens de violência e criminalidade.

O preconceito quanto ao local de residência citado por Manoel é uma das faces da extensiva lista de discriminações que sustentou por algum tempo o que a autora Janice Perlman chamou de mitos da marginalidade. Em *O Mito da Marginalidade: favelas e políticas no Rio de Janeiro*, obra que resulta de sua pesquisa de doutorado, a autora critica estereótipos sobre migrantes e moradores de favelas - que à época de seu estudo serviu como justificativa para o fomento de políticas de erradicação pelo Estado - ao demonstrar que a relação entre a suposta marginalidade econômica e política associada a estes sujeitos deve-se, na verdade, às condições de exploração e repressão as quais são submetidos; e conclui que não são socialmente e culturalmente marginais, mas excluídos e estigmatizados de um sistema social fechado.

Diante destas narrativas e compreendendo com Castilho e Sayad, respectivamente, especificidades das políticas de habitação popular no Brasil e no Complexo Habitacional Cidade Tiradentes; e encarar as dimensões trabalho e moradia como estruturantes da vida do imigrante, este “residente provisório”, que não dispõe de grande renda e se força a economizar, vivendo em “uma habitação pobre, e uma habitação de pobre para um ocupante conhecido como pobre”⁴⁴, voltemos a um argumento central presente no texto de Castilho no que diz respeito a expansão no sentido leste da cidade de São Paulo e o surgimento do bairro de Cidade Tiradentes: a obtenção da casa própria foi o único atrativo para o deslocamento do número expressivo de trabalhadores para a região⁴⁵. Afinal, na existência de outras oportunidades, o fato de ter que conviver com o estigma preconceituoso do bairro em que se habita, mesmo em face de uma realidade que fuja à imagem comumente propagada pela mídia e presente no boca a boca das pessoas, ao mesmo tempo em que se atravessa diariamente a cidade numa viagem estressante e

⁴³ Relato de Manoel Gomes, 65 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 08 de agosto de 2019.

⁴⁴SAYAD, Abdelmalek. “*Imigração ou os paradoxos da alteridade*” São Paulo, Edusp, 1998. p. 75.

⁴⁵CASTILHO, Edmilson Peres. “*A contribuição da Habitação Popular no processo de acumulação capitalista no Brasil: o caso do Complexo Habitacional Cidade Tiradentes na periferia paulistana (1975-1998)*”. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2015. p.101.

exaustiva, não figurariam enquanto fatores convenientes de escolha. Neste sentido a discussão de “residente provisório” pode ser ainda mais aprofundada se pensarmos que a condição do migrante parece ser continuamente de provisoriedade. Ele considera sua condição provisória, inclusive a de migrante, porque na maioria dos casos, imagina e planeja retornar ao local de origem.

Para retomar e avançar na linha de raciocínio que nos permite discutir as formas de ocupação e apropriação do espaço urbano da cidade que recebe o migrante, bem como refletir sobre as relações frequentemente estabelecidas pela população nordestina dentro do ambiente da cidade de São Paulo, partimos dos comentários da senhora Eleni, que recém chegada a Cruz, após viver vinte e nove anos distante de sua terra natal, nos informa sobre os sentimentos que a embalavam naquele momento:

“Eu acho que amanhã tá fazendo dois meses que a gente chegou, tá muito recente. Mas assim, eu já tenho certeza que eu consigo ficar aqui sem precisar de São Paulo mais. A única coisa que eu lembro de São Paulo é de minhas filhas. São Paulo pra mim... Eu nem lembrava que São Paulo existia. Mas como eu tenho os meus dois pedacinhos lá é complicado. É difícil não lembrar.”⁴⁶

Podemos observar que os vínculos e memórias que a trabalhadora busca articular a respeito da cidade em que viveu durante mais da metade de sua vida, acham-se somente relacionados ao fato de suas filhas continuarem a morar em São Paulo. Que esquecimentos, então, procura-se produzir? O trecho de relato que se segue nos dá pistas a esse respeito. Quando indagada sobre o que pensava do período em que esteve em São Paulo, responde:

“A gente só trabalhava. Eu me sentia muita sozinha. [...] Então assim, teve muitos momentos bons, mas teve... nunca fui de passear, nunca fui em balada, nunca... praticamente eu não conheço nada em São Paulo. Eu saía era do serviço pra casa. Aí quando eu fui morar com ele, [seu esposo] foi que as meninas vieram e aí foi que eu não saí mesmo. Então eu não tenho muito assim, de dizer ‘ai, eu me lembro muito de São Paulo porque lá eu passei muito, lá eu passei muitas coisas, lá eu vivi isso, vivi aquilo... não! Eu vivo mais aqui, agora aqui com a minha família.”⁴⁷

A relação cidade-migrante, neste caso, só existe por meio do trabalho, que é na verdade o mote principal da existência do sujeito. Em condições análogas, Sayad busca definir o migrante como essencialmente uma força de trabalho, e ilusoriamente, uma força

⁴⁶ Relato de Eleni Vasconcelos, 56 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 19 de agosto de 2019.

⁴⁷ Relato de Eleni Vasconcelos, 56 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 19 de agosto de 2018.

de trabalho provisória, temporária, em trânsito (SAYAD, 1998, p.54). Desta maneira, não “precisar” de São Paulo, para Eleni, além dos óbvios fatores econômicos, inseridos já no momento primeiro de sua migração, pode significar por outro lado, realmente existir de uma outra maneira.

Tratar da terra, plantar, cultivar e colher, costurar mesmo sabendo que o preço por este serviço custa mais que o dobro nas confecções onde trabalhara há seis meses, viver com pouco, mas alegre e satisfeita por ter ouvido o conselho da mãe que soprava em seu ouvido há muito: “vem embora, a gente aqui não morre de fome”, ser acolhida por sua família e comunidade, apesar dos estranhamentos, carregar a partir de então uma outra saudade, mas ainda assim “não trabalhar mais patrão nenhum”, não passar horas no ônibus, no metrô, no caminho. Essa tem sido a maneira que Eleni encontrou, e que encontra nas mudanças e readaptações diárias, contadas com detalhes em nossos encontros cibernéticos.

Permanecer a maior parte da vida em uma cidade que recebe turistas com a com a frase “Bem-vindo a São Paulo: viva tudo isso!” em um pórtico na Marginal Tietê, a principal e mais caótica via expressa da cidade, sentir-se grato e sentir-se parte amparada e resguardada por esta cidade ao mesmo tempo em que se afirma com uma firmeza triste não ter curtido, aproveitado e crescido o correspondente proporcional e simétrico oferecido, imaginado e vendido pela ideia de viver na maior cidade do país é uma dualidade constante e presente em todas as narrativas dos colaboradores entrevistados. Assim, resta-nos então perguntar: a quem se destinam as oportunidades e possibilidades de vivências e experiências múltiplas nesta terra que é conhecida por tais características?

A Rede Nossa São Paulo⁴⁸ publica desde o ano de 2012 o *Mapa da Desigualdade*, que consiste em um trabalho de identificação e sistematização de indicadores dos noventa e seis distritos da capital paulistana, de modo que se possa comparar os dados fornecidos por fontes públicas e oficiais para verificar locais desprovidos de serviços e equipamentos públicos. O “Desigualtômetro”, taxa criada pelo índice, mede então a distância entre o melhor e o pior indicador da cidade em temas como meio ambiente, habitação, saúde, educação, esporte, cultura, entre outros.

⁴⁸ Fundada em 2007, a Rede Nossa São Paulo (RNSP) é uma organização da sociedade civil, apartidária, que visa mobilizar diversos segmentos da sociedade em parceria com instituições públicas e privadas. Para maiores informações, acesse: <www.nossasaopaulo.org.br/>.

Em 2019, o *Mapa da Desigualdade* notificou que a proporção de oferta de equipamentos públicos municipais de cultura⁴⁹ em São Paulo é aproximadamente 87 vezes desigual. Neste indicador o distrito de Butantã, que é onde está localizada também a Universidade de São Paulo, contabiliza o maior valor absoluto de centros culturais, museus, bibliotecas e estabelecimentos de aparato cultural em geral, e é seguido por distritos centrais como Barra Funda, Sé, República, Consolação, etc. Vinte e três distritos não possuem nenhum equipamento cultural: a maioria deles se localiza nas extremidades da cidade⁵⁰.

A partir destes dados temos a oportunidade de compreender com mais facilidade essa dualidade que permeia os relatos dos colaboradores entrevistados. Existem neles sentimentos de realização, de conquistas e por vezes até uma espécie de “enraizamento” que são frequentemente evocados quando o tema da discussão é a casa adquirida através do trabalho ou a família que se constituiu na sociedade receptora; por outro lado, há também uma decepção, que se camufla por um tempo, mas surge quando feitas perguntas-chave. É dito, por exemplo, que São Paulo é uma ótima cidade para se viver e que, apesar da violência característica das grandes cidades, acolhe pessoas do mundo inteiro, no entanto, qualquer indagação que não perpassa por questões como família, por exemplo, pode trazer à tona falas como as de Eleni transcritas anteriormente, e como este trecho de fala do senhor Manoel:

“Bom, eu moro num bairro que a gente não tem direito a nada: não tem direito à cultura, não temos direito à lazer, né. Se você dá uma volta aqui, da Vila Prudente até a Cidade Tiradentes nós não temos nada que ofereça, tanto pros jovens e como pros velhos, pra você ter um lugar de lazer, a não ser o Parque do Carmo né, e maltratado ainda né. Você chega lá é muito sujo, não tem um banheiro decente, não tem um lugar decente pra você fazer um piquenique, essas coisas assim né, infelizmente não temos; segurança não temos né pra você ir nesses lugares, aí você não tem um cinema, não tem um teatro. Temos o CEU [Centro Educacional Unificado] que, infelizmente, tem um teatro muito bom até, mas que não traz nada que ofereça para a comunidade então

⁴⁹Os equipamentos públicos municipais de cultura são contabilizados de forma unitária: um centro cultural, um teatro, um museu etc. São considerados equipamentos públicos municipais de cultura: Centros Culturais, Teatros, Museus e Casas Históricas, Escolas de Formação, Bibliotecas, Bosques de Leitura, Pontos de Leitura, Ônibus-Biblioteca, Casas de Cultura e CEUs.

⁵⁰REDE NOSSA SÃO PAULO, “*Mapa da Desigualdade*”. São Paulo, 2019.

fica escasso de tudo isso aí. [...] E aí fica difícil pra você se sentir bem numa cidade como essa aqui que é a que dizem que ‘puxa o carro do Brasil’ em todos os aspectos financeiramente, mas a gente tem que se conformar com essas coisas que a gente tem né, que a gente não pode mudar o quadro né?”

A contradição entre a acessibilidade, em termos culturais, teoricamente oferecida pela cidade que “puxa o carro” e o que se vive na prática fica evidente nesta fala de Manoel. Se poucos são os equipamentos oferecidos no perímetro citado (da Vila Prudente a Cidade Tiradentes), raras são as vezes em que se pode contar com atividades, de fato. Além da questão da segurança, que faz com que seja difícil, para o entrevistado, sentir-se verdadeiramente bem em São Paulo.

Envelhecer imigrante em São Paulo foi um tópico para o qual sempre voltávamos nas entrevistas com Manoel. A satisfação em ter “conquistado algo” enquanto morador da cidade, era frequentemente ofuscada pela frustração de ser uma pessoa saudável aos sessenta e cinco anos de idade que, se por um lado não conseguia – até momento de finalização deste trabalho - se inserir no mercado de trabalho, por outro, não lograva avanços no processo de solicitação de sua aposentadoria. Feliz e honrado por ter contribuído economicamente com o crescimento de São Paulo através da venda de sua força de trabalho, Manoel afirmou se sentir inútil em ocasião de uma das últimas entrevistas feita para esta pesquisa: ocorre que, dissociado da principal atividade exercida durante a maior parte de sua vida, o sujeito que antes circulava, se relacionava e participava da dinâmica urbana principalmente sob a lógica dos vínculos de trabalho se percebe agora, talvez mais do que nunca, desamparado e alheio: “Afinal, um imigrante só tem razão de ser no modo do provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele; ele só está aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho; porque se precisa dele, enquanto se precisa dele, para aquilo que se precisa dele e lá onde se precisa dele.”⁵¹

Tanto a senhora Eleni quanto o senhor Manoel buscavam sozinhos, ainda que por vezes de maneira inconsciente, respostas à essa dualidade de sentimentos que se apresenta em seus relatos e que lhes atravessa a existência ao pensar vivências em São Paulo de forma geral, e mais especificamente as relações tecidas na cidade. Cada um à sua maneira, e uns mais que outros, ao perceber com certa tristeza ou revolta, uma espécie de vão no

⁵¹ SAYAD, Abdelmalek. *“Imigração ou os paradoxos da alteridade”* São Paulo, Edusp, 1998. p. 55.

que diz respeito à pluralidade de experiências culturais, educacionais, oportunidades em geral, etc., teoricamente disponíveis, mas infelizmente pouco efetivamente acessíveis, elencaram possíveis explicações: ausência do Estado, culpabilização individual, falta de orientação, falta de ambição. É necessário destacar, no entanto, que quando se fala em acessibilidade aos direitos básicos, casa e trabalho estão longe de ser o mínimo que se deve conceder ao imigrante, que importado do Nordeste, é acima de tudo cidadão, não apenas um trabalhador.

1.3 A migração de retorno: um Nordeste em São Paulo

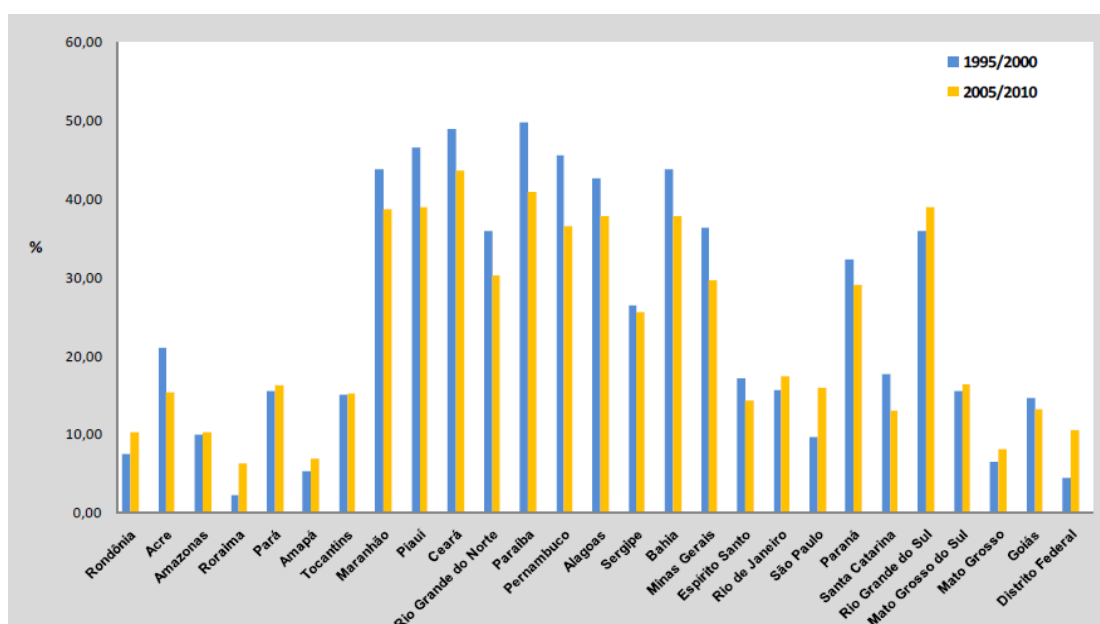
Em 2010, com a inclusão do quesito que investiga a última etapa migratória na entrevista do Questionário da Amostra do Censo Demográfico, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) calculou a participação relativa dos imigrantes de retorno no total da imigração para o país e para cada estado. O resultado da pesquisa não apenas corroborou a tendência de inversão de deslocamentos populacionais observada por estudiosos desde a década de 1980, conforme comentado anteriormente, como demonstrou continuidade e intensificação dos movimentos de retorno.

Além dos quesitos comuns abordados em edições anteriores como local de nascimento; tempo de moradia no município, na Unidade da Federação e no Brasil; o município, a Unidade da Federação ou o país estrangeiro de residência anterior; acrescentou-se no *Censo Demográfico 2010* o município e Unidade da Federação ou do país estrangeiro em que o indivíduo morava há cinco anos antes da data de referência do Censo. A inclusão do quesito que investigou a última etapa migratória, da pergunta relativa ao município de residência anterior – diferença em relação ao *Censo Demográfico 2000* – enriqueceu as possibilidades de análise das migrações no país devido à referência temporal específica de cada quesito. Ao cruzar os resultados de diferentes quesitos para os mesmos indivíduos, tornou-se então possível captar um número maior de etapas migratórias individuais como, por exemplo, as migrações de retorno.⁵²

⁵² A migração de retorno foi medida, então, tomando-se por base a informação daqueles indivíduos que nasceram na Unidade da Federação em que residiam em 2010, e que moravam em outra UF há exatamente cinco anos da data de referência do Censo.

Entre os anos 1995 e 2000 os migrantes de retorno somaram 1.144.211 pessoas e no período entre 2000 e 2005 registrou-se 999.659 migrantes de retorno, o que representou 22,0% e 21,5% do total de migrantes no país, respectivamente. Neste contexto, os estados da região Nordeste, tanto em 2000 quanto em 2010 apresentaram as maiores proporções de indivíduos retornados quando comparados às outras regiões do país (Gráfico 1), e mais, na maioria dos estados, com exceção do Rio Grande do Norte e Sergipe, o número de retornados ultrapassou os 35,0% do total de imigrantes. O Ceará, com 43,6% de imigrantes retornados, foi o estado que registrou a maior proporção do índice no período entre 2005 e 2010. Embora permaneça como região que apresenta a maior porção de retornados do país, todos os estados nordestinos tiveram reduções no índice da migração de retorno entre 2000 e 2010 (Tabela 1). A composição etária entre estes migrantes de retorno, no período de 2010, era relativamente mais envelhecida. O maior percentual de imigrantes interestaduais de retorno foi observado para os migrantes de 60 a 69 anos de idade, representando 32,1% dos imigrantes desse grupo etário.⁵³

Gráfico 1 - Participação relativa dos imigrantes de retorno no total de imigrantes, segundo as Unidades da Federação – 1995/2000 e 2005/2010



Fonte: IBGE.

⁵³ IBGE. *Censo Demográfico 2010: Nupcialidade, Fecundidade e Migração – Resultados da Amostra*. Rio de Janeiro, 2010.

Tabela 1 - Imigrantes de retorno e participação relativa, segundo as Unidades da Federação - 1995/2000 e 2005/2010

Unidades da Federação	Imigrantes de Retorno			
	1995/2000	2005/2010	Participação Relativa no Total de Imigrantes (%)	
			1995/2000	2005/2010
Maranhão	44 042	40 913	43,7	38,7
Piauí	41 311	28 695	46,6	39,0
Ceará	79 574	49 003	48,8	43,6
Rio Grande do Norte	28 005	20 434	35,9	30,2
Paraíba	50 649	39 222	49,7	40,8
Pernambuco	75 005	54 049	45,5	36,4
Alagoas	23 830	20 274	42,6	36,4
Sergipe	13 756	13 502	26,4	25,5
Bahia	109 527	86 637	43,7	37,8

Fonte: IBGE.

A região sudeste do país, especialmente os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, recebeu de forma mais intensa a partir da década de 1930 até fins dos anos 1990 milhares de trabalhadores nordestinos. Muitas vezes em busca de emprego e melhores condições de vida, a massa destes trabalhadores provenientes dos mais distintos e plurais estados do Nordeste chega à “cidade grande”: habita, estuda, trabuca, constitui família ao mesmo tempo em que, por vezes, ajuda a família que “ficou para trás”, conhece e aproveita a cidade que o recebe, sente saudades de casa, se envolve em movimentos sociais, vive enfim e decide retornar, como demonstram os dados registrados acima.

Dentro da cidade de São Paulo o bairro de Cidade Tiradentes, situado na Zona Leste do município, é o local para onde direcionamos o nosso olhar. Dados do ano de 1996 coletados na pesquisa de Slomiansky relatam que 73,23% dos chefes de famílias residentes no Complexo Habitacional Cidade Tiradentes tinham origem nordestina,

enquanto a média para o município de São Paulo no mesmo ano era de 50,75 %⁵⁴. A partir destes dados, é possível compreender as razões pelas quais encontramos atualmente na Zona Leste da cidade de São Paulo, especificamente no bairro de Cidade Tiradentes, um espaço privilegiado de acesso às histórias destes trabalhadores que agora planejam o percorrer o caminho inverso.

É urgente compreender nestes processos migratórios, para além da simples classificação, tabulação e enquadramento dos movimentos populacionais em tipologias ou modelos explicativos, como e por que estas populações retornam: se satisfeitas ou frustradas; se percebidas ou não enquanto parte daquela sociedade de onde vieram; e, ao mesmo tempo, a maneira como viveram e teceram relações, como foram acolhidas na comunidade que os recebeu onde permaneceram por anos, assim como na comunidade de origem, para a qual voltaram. Sem, obviamente, desconsiderar as forças e causas estruturantes que impulsionam estes indivíduos já no primeiro movimento de saída, trata-se aqui de uma tentativa de realçar motivações pessoais, uma vez que compreendemos junto a Antico já não serem mais plenamente proveitosas “análises restritas às formulações puramente econômicas ou do tipo atração-expulsão. As várias dimensões do processo migratório, incluindo a individual, envolvendo escolhas, estratégias e alternativas, adquirem papel relevante para o seu entendimento.”⁵⁵

1.4 Os projetos de retorno a partir da fala dos entrevistados

“Quem nasceu aqui numa cidade que nem essa não quer sair daqui né? Que nem diz os paulistas, aqui é o melhor lugar do mundo né? E pra quem nasceu aqui pode ser que seja o melhor lugar do mundo, mas pra quem nasceu fora daqui o melhor lugar do mundo é onde você nasceu, né? Por mais que não tenha o recurso, a riqueza que tem aqui, você tá sempre no sonho de voltar, e esse é sempre o meu sonho e com fé em Deus eu vou realizar, e não vai demorar muito.”⁵⁶

⁵⁴ Apud CASTILHO, Edmilson Peres. “A contribuição da Habitação Popular no processo de acumulação capitalista no Brasil: o caso do Complexo Habitacional Cidade Tiradentes na periferia paulistana (1975-1998)”. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2015. p. 186.

⁵⁵ ANTICO, Cláudia. “Por quê migrar?”. In: BAENINGER, Rosana; BÓGUS, Lúcia; JANNUZZI, Paulo; PATARRA, Neide. (orgs.) “*Migração, condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo 1980-1993*”. Campinas, SP: UNICAMP. IE, 1997. p. 97.

⁵⁶ Relato de Manoel Gomes, 65 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 22 de janeiro de 2020.

A fala transcrita acima é parte da última entrevista realizada com o senhor Manoel, que na ocasião deste encontro iniciou o diálogo contando sobre a “dor de cabeça” que lhe causava a reforma de sua casa e a pressa que tinha em finalizar tal processo. Até então, os projetos de retorno de Manoel, a partir de suas falas, pareciam habitar o pico mais alto do mundo das ideias. Neste encontro, no entanto, a urgência em finalizar reparos em seu imóvel se justificava e se traduzia pela tentativa de tornar cada vez mais palpável o plano de retornar a algum lugar: a renda do aluguel da propriedade que deixaria em São Paulo e a conclusão do processo de aposentadoria apresentam-se, neste sentido, como fatores condicionantes e cruciais de sua partida.

A expectativa vaga de retornar à terra natal é uma constante nas narrativas dos trabalhadores entrevistados. Por isso é válida e condizente com o movimento aqui estudado a reflexão suscitada por Sayad de que o retorno é um aspecto sempre latente na essência do migrante: é o desejo, o sonho e, por vezes, é o que o impulsiona a aceitar condições de trabalho pouco favoráveis e suportar as dificuldades cotidianas do “viver desenraizado”, porque se espera reencontrar a outra maneira de viver, ainda que não seja mais aquela deixada em ocasião do primeiro movimento migratório. Para Sayad (2000) não se vive no seio de outra sociedade sem que algo permaneça desta presença, sem que se sofra mais ou menos profundamente, consciente ou inconscientemente.

Nostalgia, saudade da terra e o sentimento do retorno são, segundo Sayad, características intrínsecas ao migrante, que de certa forma, parte já pensando em voltar. No entanto, por ser esta uma operação que nem sempre se realiza, a melancólica perspectiva de retorno pode se tornar refúgio para este sujeito. Como afirma Sayad (1998, p.45), pensamos este movimento migratório como aquele em que se engendra uma dupla contradição: “não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade”.

Desta maneira, ao encarar o retorno essencialmente e antes de qualquer coisa enquanto projeto irresoluto sempre presente no horizonte do imigrante, compreendemos a razão pela qual, ainda que nunca se concretize, voltar à terra de forma definitiva permanece nas narrativas dos trabalhadores. Quando não, a necessidade de voltar esporadicamente e de maneira temporária, no período de férias, por exemplo, também é uma alternativa possível e que ocorre concomitantemente aos que planejam o retorno permanente.

Quando concretizado, o sonho do retorno pode mostrar-se uma descoberta pouco resolutive à nostalgia que acompanhou o emigrante em toda a sua jornada, uma vez que não existe verdadeiramente retorno idêntico. Se por um lado, o espaço se presta bem à possibilidade do ir vir, e se pode voltar ao lugar da partida, por outro, é impossível retornar ao tempo da partida, tornar-se novamente quem se era naquele momento, reencontrar na mesma situação os lugares e pessoas que se deixou, tal qual os deixou (SAYAD, 2000).

Neste sentido, é possível identificar nos relatos de Eleni já desde a primeira entrevista realizada dois meses após sua chegada ao Ceará, os estranhamentos relativos ao movimento do retorno. Desde inadequações da rotina diária do viver na roça relacionadas a percepção da passagem do tempo e ao ritmo desacelerado que a nova realidade lhe apresenta, e ao mesmo tempo, a estranheza de horários fixos estabelecidos para o cumprimento de atividades que antes ocorriam de acordo a dinâmica de vida imposta na cidade grande, tais como comer, dormir e o momento de encontro do prostrar com os vizinhos e familiares; até, com o decorrer dos meses, o constrangimento por não recordar pessoas que eventualmente se dirigem a ela contentes pela volta, o conseqüente receio de ser taxada como arrogante pelos conterrâneos, o incômodo por estar rodeada sempre das mesmas pessoas e dificilmente experimentar, encontrar ou viver algo “novo”.

A necessidade em readaptar-se aos costumes e hábitos na tentativa de encaixar-se novamente à comunidade de origem faz com que o sujeito perceba, ao final das contas, que por serem as pessoas e os espaços essencialmente mutáveis, já não lhe agradam as mesmas práticas e que por mais esperado, querido e bem recebido que seja ao ambiente e contexto que tanto ansiava reencontrar, surgem a partir de então novos conflitos e a conseqüente apreensão da distinção entre o *eu* e o *eles*:

“É assim: aqui todo mundo, chega domingo tem aquela tradição, dever, uma obrigação, não sei nem explicar se é dever ou se é obrigação, de todo mundo ir pra cidade. Que aqui não chama cidade, aqui chama rua: ‘Vamo pra rua’ [ela ri]. Aí em São Paulo rua é uma rua mesmo e aqui não, rua é a cidade. Aí tem aquele dever, obrigação, não sei como é que *eles* dizem, que é de ir pra missa e eu não tinha isso de ir, aí minha mãe fica falando: ‘Vocês não vão pra missa? Hoje é domingo, dia de ir pra missa’, que tem muitas outras religiões aqui né, mas o catolicismo aqui é bem forte. Tem muito católico na minha região aqui. A minha família toda é católica, então minha mãe fica assim... não diretamente, mas de vez em quando ela dá umas cutucadas porque eu

fui na igreja uma vez depois de ter chegado. Ai hoje eu fui. O Clarindo [seu esposo] não é de ir pra igreja. Ai hoje eu convidei ele e ele foi, mas ele não é de andar dentro de igreja, de ir pra missa, então essa rotina *deles* aqui nós tá um pouco fora disso, a gente ia de vez em quando aí na Tiradentes, às vezes de noite, as vezes de manhã, mas eu não tinha essa rotina de todo domingo *ter* que ir, e aqui *eles* têm isso.”⁵⁷

O trecho de entrevista acima destacado é parte da primeira conversa realizada com a senhora Eleni. Nela já continham indícios dos pequenos enfrentamentos corriqueiros e diários com os quais teria que lidar e pelos quais não apenas ela, interna e intimamente, reclamaria de si comportamento e postura resolutivos, no sentido de um reajuste, mas se tornaria também uma questão aos familiares e a comunidade geral. As cobranças pela readaptação, neste sentido, existem também externamente, da comunidade que cria expectativas e conjectura condutas do retornado, como se evidencia na demanda feita por sua mãe, que por mais inconsciente, deposita na pessoa de Eleni a continuidade de uma maneira de agir que talvez em um passado fora costumeira a ambas.

À parte essas questões, perduram ainda no sujeito que retorna as ansiedades e inquietações do espaço e dos “pedaços” deixados para trás. Migrante de retorno é aquele que, deixa o seu local de origem, reside durante determinado tempo em outra região e depois regressa ao seu lugar de nascimento. Nesta pesquisa, nosso olhar se debruçou aos migrantes que, após décadas vivendo na cidade de São Paulo, decidem efetuar este segundo movimento migratório ou que o planejam. Desta maneira, essas pessoas, após criarem vínculos sociais de todos os tipos, geralmente terem constituído família e de certa forma cultivado “raízes” naquele lugar que os recebeu por tantos anos, sentem grande dificuldade em desvencilhar-se do antigo cotidiano, tornando o processo do regresso doloroso, por mais almejado que tenha sido: “E no dia de nós sair de manhã foi o pior dia da minha vida. Dia 9 de junho que eu saí de lá. Seis horas da manhã. Ai... foi muito chato”⁵⁸, observou Eleni ao recordar-se do momento de sua partida.

Por aproximadamente nove anos Eleni e seu esposo, o senhor Clarindo, se organizaram financeiramente para construir a casa em que hoje residem, em Cruz, e buscaram também preparar a si próprios e as suas filhas psicologicamente para a partida de São Paulo. Mesmo com todos os preparativos nem tudo saiu como planejado com relação as filhas, e esta é uma particularidade com a qual pode se deparar em algum

⁵⁷Relato de Eleni Vasconcelos, 56 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 19 de agosto de 2018.

⁵⁸ XXX

momento a segunda geração de imigrantes nordestinos em São Paulo: a iminência da despedida. Por maior que seja a identificação com o lugar de onde vêm os pais, que geralmente é também casa dos avós, não existe para esta geração o “retorno” e sim o egresso do local que é, afinal, seu berço de nascimento.

Acompanhar, por assim dizer, durante mais de um ano e meio o caminho percorrido pela senhora Eleni em termos de expectativas e experiências, nos permite identificar com nitidez as fases pelas quais passou: nas primeiras entrevistas, apesar da felicidade, existe uma preocupação constante em sua fala e até o esforço em continuar a participar, mesmo que de longe, da rotina de suas filhas que decidiram ficar em São Paulo. Mais tarde, o sentimento de que algo faltava para a plena realização de sua felicidade; e ainda mais adiante a sensação de ter “trocado seis por meia dúzia” lhe toma conta: decidir voltar ao Ceará para estar perto de sua mãe significou ao mesmo tempo escolher estar longe de suas filhas. Neste aspecto, é possível pensarmos sobre a circularidade dos movimentos migratórios.

Antes de fixarem-se na cidade de São Paulo, todos os trabalhadores entrevistados afirmaram experimentar a tentativa de voltar a viver na cidade natal ao menos vez durante a juventude, sem que, no entanto, conseguissem se readaptar àquele espaço e contexto. O saber da experiência popular registrado no comentário da senhora Eleni, que se segue, muito tem a dizer e nos auxiliar na elaboração teórica:

“Eu nunca fui muito assim de fazer muitos amigos, de ter muitas amigadas, mas os que me conhecem, acho que ficaram muito feliz quando eu cheguei. [ela ri] Eles falou: ‘Ai que bom que você voltou! Que legal! Você vai ficar aqui mesmo?’ eu falo ‘Pretendo né, vamo vê o quê que vai dar.’ Mas diz que quando passa de um ano a gente [os retornados] fica. É tem essa crença aqui, que se a gente passar de um ano aqui a gente fica. Eu já passei um ano e dois meses então eu tô ficando...”⁵⁹

Desta maneira, o retorno, em muitos casos, não representa o fim o do projeto migratório, mas muitas vezes a sua continuidade. Retornar pode não significar exatamente permanecer, e este é um conhecimento corrente presente no imaginário tanto da comunidade de origem que recebe de volta o sujeito que retorna, quanto do próprio retornado. “As várias nuances do retorno na perspectiva do fenômeno migratório

⁵⁹ Relato de Eleni Vasconcelos, 56 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 19 de agosto de 2019.

contemporâneo demonstram que origem e destino se constituem num circuito integrado ou num movimento de circularidade.”⁶⁰

Enfim, interpretado aqui enquanto elemento constitutivo da condição do imigrante e paradoxo inerente à constituição do fenômeno migratório, consideramos junto a Fazito (2005) que a noção de retorno “está intrinsecamente circunscrita à denominação e ideia de emigração e imigração. Não existe imigração em um lugar sem que tenha havido emigração a partir de outro lugar; não existe presença em qualquer lugar que não tenha a contrapartida de uma ausência alhures.”

Sem negligenciar, por fim, os aspectos e condições da emigração dos trabalhadores entrevistados, cabe retomarmos brevemente ao ponto alto das narrativas em que a decisão do primeiro movimento migratório de saída da terra natal, Mutuípe, Bahia para Manoel e Lúcia e Cruz, Ceará para Eleni, daria origem a sucessão de eventos e mobilidades que delinearão as rotas, não apenas geográficas e espaciais, percorridas por estes indivíduos.

Amplo e regido por um sistema que lhe é particular⁶¹, o fenômeno da migração abarca a totalidade das dinâmicas e significados próprios do ser e estar no mundo e em sociedade – esta que, por sua vez, também baseada em um sistema econômico e social que ao engendrar uma série de desigualdades garante a reprodução das condições que alimentam e perpetuam, de um lado, a necessidade de migrar e de outro a necessidade de imigrantes - e por isso mesmo, falar de migração é inegavelmente falar também sobre estruturas sociais e poder, mas não apenas isso.

As respostas do “por quê emigrar?”, assim como do “por quê retornar?” não são tão óbvias quanto as engrenagens de funcionamento de um sistema econômico, nem explicáveis tão facilmente a partir de fatores puramente estruturais. As condições desfavoráveis de existência na emigração, embora presentes de alguma maneira em todas as narrativas dos trabalhadores entrevistados, não foram os únicos fatores de convergência para a tomada de decisão: o senhor Manoel, por exemplo, - ainda que já tivesse à época de sua chegada em São Paulo uma rede sólida e ampla de amparo, já que não foi o primeiro entre os seus irmãos, tampouco de sua família, a atravessar os milhares de quilômetros até a cidade dos arranha-céus - não viaja inicialmente com a intenção de

⁶⁰ PEREIRA, Sônia; SIQUEIRA, Sueli. “Migração, retorno e circularidade: Evidência da Europa e Estados Unidos. REMHU - Rev. Interdisciplinar Mobilidades Humanas, Brasília, Ano XXI, n. 41, p. 117-138, jul./dez. 2013. p. 135.

⁶¹ SAYAD, Abdelmalek. *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, Edusp, 1998.

permanecer por quarenta e quatro anos em São Paulo, assim como quando ao incentivar irmãos e irmãos mais novos a fazer mesmo percurso, não imaginaria que anos mais tarde, oito de onze deles, tal como ele, nela se fixariam.

Há, além das forças estruturantes que impulsionam idas e vindas em todo o território nacional e em especial o notório e histórico deslocamento de indivíduos dos nove estados da região Nordeste do país para a cidade de São Paulo, sonhos e desejos individuais, como os de conhecer uma cidade, por exemplo. Existem também imprevistos de percurso, replanejamentos de projetos, e sobretudo a busca contínua pelo sentimento de completude, tão dinâmico e circular quanto a própria lógica migratória.

CAPÍTULO II

MESMA ROTA, OUTRA VIVÊNCIA: CAMINHOS FEMININOS DA MIGRAÇÃO NORDESTINA EM SÃO PAULO

*“São Paulo tem nordestino
Muitos mais do que o Norte
Trabalham por essa terra
Nosso nordestino de pulços de aço
Que lutam até a morte.”*

Jão Antônio Barros, sem data.

*“As mulheres desafiam,
Desde a sua criação.
Eva lá no paraíso
Provocou o tal Adão.
Ele caiu direitinho.
E dançou na sua mão.”*

Dalinha Catunda e Rosário Pinto, 2010.

O caráter familiar da migração interna no Brasil foi destacado como característica fundamental dos deslocamentos analisados em numerosos estudos sobre estes processos⁶².

Em conformidade com esta premissa, Fontes infere que “não apenas a decisão e a estratégia da migração era, na maior parte das vezes, estabelecida no âmbito da família, mas também as rotas e locais de destino frequentemente dependiam dos contatos e articulações estabelecidas com parentes, amigos e membros da comunidade de origem”⁶³, além de chamar atenção ao fato de que o desmembramento da família migrante, seguindo

⁶²Cf. FONTES, ver: Eunice Durham. *A caminho da Cidade*; Rosilene Alvim. *A sedução da Cidade*; Célia Toledo Lucena. *Artes de Lembrar e de Inventar. (Re)lembranças de migrantes*. São Paulo, Arte e Ciência, 1999; Dulce Maria Tourinho Baptista. *Nas terras do ‘Deus-dará’*. *Nordestinos e suas redes sociais em São Paulo*.

⁶³FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945 – 1966)*. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2002. p. 67-71.

uma lógica de mudanças por etapa como tática utilizada para atenuar os riscos de insucesso da empreitada migratória, foi uma prática frequente.

Desta maneira, a migração de homens solteiros, casais recém-casados sem filhos e os chamados “chefes de família” teriam sido predominantes, principalmente nas primeiras gerações que se transferiram para São Paulo entre as décadas de 1930 e 1940. As mulheres, segundo Fontes (2002, p. 72), raramente eram as primeiras a efetuar o movimento migratório, sendo responsabilizadas no mais das vezes pela reunificação do núcleo familiar após o estabelecimento de um parceiro ou parente mais próximo na cidade receptora.

Acabou por se estabelecer então na literatura sobre migração a representação generalizante do imigrado como a do jovem solteiro ou centrada na figura do esposo provedor de recursos, por vezes atribuindo papel de acompanhante às esposas, filhas ou irmãs destes homens.

As entrevistas realizadas ao longo desta pesquisa, no entanto, levaram-nos a indagações quanto a esta organização da dinâmica migratória - ao menos nas últimas décadas - uma vez que nos deparamos com experiências diversas que além de fugirem ao esquema comumente representado, revelam o contraste das trajetórias migratórias balizadas estruturalmente pelas relações sociais de sexo. Neste segundo capítulo, portanto, buscaremos, ainda que forma incipiente, identificar justamente as imbricações e intersecções da categoria gênero às trajetórias das mulheres e homens migrantes entrevistados, dando ênfase, especialmente, ao movimento de retorno.

A população do sexo feminino proveniente dos nove estados da região Nordeste residente no estado de São Paulo entre as décadas de 1980⁶⁴ e 1990⁶⁵ representava, respectivamente, cerca de 48% e 51% da população total de migrantes desta região. No município, as mulheres representavam aproximadamente 49% do valor total de residentes nordestinos em 1980. Anteriormente, entre os anos de 1951 e 1962 a porcentagem de mulheres nordestinas que chegaram a São Paulo era de 30% sobre o total da população migrante advinda desta região⁶⁶. Concluir antecipadamente que quase metade da população de migrantes nordestinos residentes em um estado e cidade efetuou um

⁶⁴ IBGE. Censo Demográfico 1980: Dados gerais, Migração, Instrução, Fecundidade. Rio de Janeiro, 1982-1983. (volume, tomo 4, número 19).

⁶⁵ IBGE. Censo Demográfico 1991: Migração – Resultados da Amostra. Rio de Janeiro, 1982-1983. (número 21).

⁶⁶ FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945 – 1966)*. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2002. p.86.

deslocamento tão somente enquanto acompanhante ou em função da reunificação familiar pode dissipar a existência de contextos diferenciados. Os relatos dos trabalhadores entrevistados durante esta pesquisa, aliados aos dados acima expostos abrem caminhos para uma interpretação mais complexa do fenômeno migratório.

As duas mulheres entrevistadas durante este trabalho chegaram à cidade de São Paulo solteiras e, embora contassem com uma rede mais ou menos ampla de familiares e amigos próximos, viajaram sozinhas: não seguiram pais, maridos ou irmãos; perseguiram as trilhas de um caminho e formularam um projeto migratório substancialmente pessoal. Neste aspecto, a trajetória da senhora Eleni é bastante significativa, uma vez que ela mesma reconhece o caráter à época pouco comum de seu primeiro movimento migratório, ao que se recorda, eram os rapazes quem percorriam com mais frequência as idas e vindas do caminho Sul em sua cidade em fins dos anos 1980⁶⁷. O egresso solitário de uma mulher jovem do pequeno município de Cruz, rompe já na memória de Eleni as referências, primeiro coletivas e depois individuais, de um deslocamento costumeiro.

A decisão da cidade a que se destinaria Lúcia, ao contrário de Eleni, contou com a interferência do parecer e aprovação paterna para que tal escolha levasse em consideração os círculos mais próximos de familiares já estabelecidos na cidade⁶⁸, pessoas com quem a recém chegada de dezessete anos pudesse contar e em quem ao mesmo tempo pudessem confiar sua mãe e pai. Por isso São Paulo foi o lugar de confluência entre o desejo de Lúcia e as preocupações de seus pais, uma vez que por lá encontraria e passaria a viver com alguns de seus irmãos mais velhos já residentes naquela época do bairro Vila Alpina, localizado também na Zona Leste da cidade. Dentre estes irmãos, o senhor Manoel, segundo mais velho entre os que moravam na cidade grande, foi também entrevistado nesta pesquisa.

Ao contrário de Eleni e de sua irmã, Lúcia, Manoel foi encorajado por seus familiares, que não se opuseram nem sugeriram alternativas à escolha e decisão inicialmente feitas por ele. A viagem para São Paulo se deu em companhia de um tio que aproveitara o período de férias do trabalho para visitar a família em Mutuípe; este, ao saber da intenção do sobrinho se dispôs: “vamos lá!”. O percurso entre a ideia e anseio iniciais de partir - ainda que não de forma definitiva naquele primeiro momento, pelo que rememora⁶⁹ - e o efetivo deslocamento migratório, no caso de Manoel, não sofreu

⁶⁷ Ver primeiro capítulo, p. 11.

⁶⁸ Ver primeiro capítulo, p. 10.

⁶⁹ Ver primeiro capítulo, p. 10.

alterações de rota nem passou por demasiadas ponderações em sentido negativo decorrente de intervenções familiares, ocorreu justamente o oposto: a despedida, incentivada até em termos financeiros, foi narrada por Manoel em tom exploratório, sem maiores conflitos ou obstáculos ao seu propósito. Embora pareça, à primeira vista, aspecto pouco relevante para a reflexão, evocar, ainda que de maneira breve, no momento de partida os diferentes atravessamentos e condições a que estiveram expostos homens e mulheres migrantes auxilia-nos a entrever, de maneira geral os possíveis contrastes dos percursos migratórios.

Existe na experiência migratória destas mulheres dessemelhanças e rupturas que as afastam de uma interpretação que se pretenda universal, presentes desde o momento em que a possibilidade de migrar habitava ainda o mundo das ideias, características estas que aliás as acompanharão durante toda a trajetória migratória. A recuperação, nos relatos das entrevistadas, da necessidade de convencer a mãe de sua partida, no caso de Eleni, e de atender a recomendação de destino dos pais, no caso de Lúcia, quando comparados ao caso do senhor Manoel – que além de se aproximar em termos gerais às trajetórias de ambas, guarda relação ainda mais íntima com a última, uma vez que membros da mesma família – revelam já no início das jornadas que se desenham as sutis e consistentes disparidades presentes no percurso de deslocamento realizados por homens e mulheres migrantes. A recepção pelo grupo social do empreendimento migratório, realizado por indivíduos de diferentes sexos marca já na partida diferentes respostas do meio.

Os recentes trabalhos que buscam articular a categoria gênero aos estudos sobre os deslocamentos populacionais assinalaram a emergência de um campo denominado *gênero e migração*, que resultou da crescente influência do feminismo acadêmico a partir da década de 1990⁷⁰, apesar de datar de fim dos anos 70 e início dos 80 o desenvolvimento de pesquisas que abordam mulheres migrantes⁷¹. Ao colocar como questão central os tipos de impacto e especificidades observados na migração feminina, e mais especificamente nas “relações sociais de sexo”, a intersecção destes estudos contribui sobremaneira para compreendermos de que modo os deslocamentos afetam homens e mulheres.

⁷⁰ NAKAMOTO, Ana Luisa Campanha. *De volta pra casa? Questões de gênero no retorno de brasileiras e brasileiros no Japão*. Seminário Internacional Fazendo Gênero (9: 2010: Florianópolis, SC). Anais eletrônicos [recurso eletrônico] / Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. - Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

⁷¹ DOARÉ, Hélène; HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; SENOTIER, Danièle. *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 141.

O surgimento da expressão “feminização das migrações” evidencia a presença de mulheres nos circuitos de mobilidade e aponta mudanças nos padrões migratórios femininos ao dar visibilidade para mulheres que se deslocam de maneira autônoma, e não simplesmente acompanhando familiares homens (NAKAMOTO, 2010, p. 2) apud MOROKVASIC, 2007). Tal concepção implica ainda no reconhecimento do gênero enquanto aspecto organizador dos processos migratórios. Segundo Nakamoto (apud KOSMINSKY, 2007):

Os trabalhos, os circuitos e as redes que ligam a sociedade de origem e destino, os conflitos culturais e políticos vivenciados, e sobretudo a experiência subjetiva da migração, mais que diferentes para homens e mulheres; se constituem sob o viés das relações de gênero. Ser mulher-migrante representa não simplesmente uma variável, mas sim um fator fundante das relações sociais que fomenta diferentes estratégias de inserção e mobilidade nos circuitos transnacionais.

Com a integração de diferenciais por sexo e das relações de gênero, portanto, as teorias migratórias avançam ao alargar a compreensão das experiências de mulheres migrantes em esferas específicas, tais como família, mercado de trabalho, domicílio, uma vez que, segundo Baeninger e Peres (apud Boyd e Grieco, 2003, p. 61)⁷²:

O gênero está profundamente enraizado na determinação de quem se movimenta, como esses movimentos se dão e quais os impactos nas famílias e mulheres migrantes. Se as teorias de migração internacional integram as relações de gênero de maneira adequada e eficaz, devem levar em conta fatores sutis e óbvios que se misturam para criar diferentes experiências ao longo da migração. A definição e compreensão destes fatores melhor fundamentam as teorias de migração internacional e também as experiências individuais de mulheres migrantes em todo o mundo.

A literatura nacional sobre migração interna, até o presente momento, pouco se favoreceu da perspectiva de gênero. Não localizamos nenhum trabalho sobre migração nordestina em São Paulo que articule as questões inerentes às relações sociais de sexo ao fenômeno migratório⁷³, fato curioso visto que embora tenha sido frequentemente

⁷² BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta Guimarães. *Migração Feminina: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero*. XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Águas de Lindóia/SP – Brasil, de 19 a 23 de novembro de 2012.

⁷³ Identificamos, no entanto, na região sudeste, estado de Minas Gerais, o trabalho de Daiane de Lima Soares Silveira e Saulóber Tarsio de Souza: *Relações de gênero e acesso à educação: migrantes nordestinas no pontal mineiro (1950-1960)*, que busca compreender as relações de poder entre homens e mulheres a partir da análise da formação cultural da figura masculina nordestina.

contabilizado o expressivo contingente de mulheres inseridas nestes fluxos, prevaleceram invisíveis as questões relacionadas ao gênero.

Cabe aqui assinalar que compreendemos junto a Scott a categoria gênero enquanto um “elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”⁷⁴. Nesta perspectiva, a autora infere ainda que o gênero implica quatro elementos relacionados entre si: primeiro, a dimensão dos símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas dos significados do ser homem e mulher; segundo, os conceitos normativos (expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas) que evidenciam as interpretações do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas do sentido feminino e masculino, opostos entre si; o gênero não se constrói apenas no universo doméstico e familiar, ainda que seja amplamente influenciado por estes espaços, ele é construído igualmente na economia, na organização política, no mercado de trabalho, na educação e opera de forma amplamente independente do parentesco; por fim, o quarto aspecto do gênero é a identidade subjetiva, que diz respeito à ideia de que a diferença sexual é a principal forma de significar a diferenciação empregada nas linguagens conceituais, e que o gênero é portanto um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana.

Para a escrita histórica dos mais diversos processos, Scott alerta que enquanto historiadores devemos reconhecer que o que chamamos “homem” e “mulher” são “ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas.” Desta maneira, a natureza dos processos históricos, atores e ações, e as significações de gênero e poder que se constroem reciprocamente, poderão ser apreendidas se situadas em um tempo e em um espaço específicos.

2.1 Juntos chegamos, mas o percurso é o mesmo?

⁷⁴ SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Tradução: Maria Betânia Ávila. Texto original: *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press. 1989.

Se díspares são as motivações e recepção do egresso pelo núcleo familiar e pela comunidade de origem em geral, ainda mais heterogêneas são as relações tecidas e experiências vividas por homens e mulheres migrantes quando da chegada e fixação na sociedade receptora. Desde a convivência com familiares nos primeiros meses após a chegada na cidade de São Paulo até a decisão, décadas mais tarde, de retornar à cidade natal são narradas de maneira muito distinta por Lúcia e Eleni de um lado, e Manoel de outro. A distinção da forma e conteúdo, no sentido das memórias suscitadas, nos informam justamente lugares e “papéis” que se pretendem ocupados e exercidos por estes indivíduos.

O abandono dos estudos pela necessidade iminente de ingresso no mercado formal de trabalho após o estabelecimento em São Paulo, por exemplo, é uma variável comum às três narrativas; assim como coincide, no início da trajetória das pessoas entrevistadas, a moradia compartilhada enquanto passagem imprescindível ao processo de estabilização em termos financeiros e materiais, uma vez que foram acolhidos na casa de familiares mais ou menos distantes, no caso de Eleni e Manoel, e mais próximos, no caso de Lúcia que inclusive foi recebida por este último.

Os fatores que se somaram no sentido da desistência de estudar e as queixas em decorrência desta decisão, no entanto, são muito semelhantes nos relatos de Lúcia e Eleni: ambas destacam, para além da dificuldade em conciliar os estudos às jornadas diárias e semanais de trabalho, a divisão desigual no cumprimento das tarefas domésticas pelos companheiros de casa ou a existência de um sentimento de dívida para com a família que as recebeu - e que deveria ser “quitada” em forma de ajuda ou trabalho doméstico - como elementos centrais de impacto negativo sobre a disposição e tempo hábil para dedicação aos estudos:

“Ninguém da minha família com quem eu morei chegou pra mim e falou assim ‘Eleni, vai estudar, você precisa estudar’. Eu lembro que eu cheguei lá [em São Paulo] e fui morar com uma prima minha e tinha um colégio assim do ladinho de casa. Eu chegava do serviço seis e meia, eu via tudo aquele povo entrando na escola e eu não tive aquela coisa de dizer assim ‘eu quero estudar’, ou então a minha tia ter falado assim ‘ó, o colégio é pertinho de casa porque você não termina os seus estudos?’ Acho que ela queria assim, que eu chegasse em casa e fosse ajudar ela né, fazer a janta... e essas coisas assim que eu fazia porque eu tinha vergonha de estar na casa dos outros e não ajudar em nada.”⁷⁵

⁷⁵ Relato de Eleni Vasconcelos, 56 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 19 de agosto de 2019.

É possível identificar neste trecho de entrevista da senhora Eleni o início de um ciclo de vulnerabilidade que reflete a intersecção do duplo *mulher* e *migrante*: no ambiente doméstico, recaem sobre a sua situação de hóspede por tempo indeterminado os papéis e funções geralmente atribuídos à mulher, e que especificamente na condição de recém chegada a uma cidade estranha parecem pesar o dobro. Oras, mesmo para Eleni é esperado então que se cumpram estes papéis, ainda que para isso deixe de estudar.

Outro ponto pertinente enfatizado neste trecho e sobre o qual Eleni volta diversas vezes em diferentes entrevistas é a percepção no presente de que lhe careceram orientações àquela época. Que caminhos seriam os mais viáveis e frutuosos a seguir? Que dinâmicas haveria de incorporar ao cotidiano para que pudesse alcançar seus objetivos? Aliás, que objetivos eram esses? Eleni deixara sua terra natal com uma única ideia fixa em mente: trabalhar e ajudar sua mãe, assumindo uma missão usualmente dissociada do feminino nas clássicas interpretações sobre os fenômenos migratórios, mas que não apresenta realmente novidade diante das perspectivas que levam em conta as demais categorias sociais, tais como classe, raça e gênero. Filha mais velha, inverte a lógica, e se torna, de certa maneira, a mulher provedora do lar: “[...] eu cheguei lá [em São Paulo] com a 6ª série e eu não estudei porque eu só pensava em trabalhar pra mandar dinheiro pra minha mãe.”⁷⁶ Além disso, Eleni também comenta sobre o impacto de sua criação nas decisões tomadas e caminhos escolhidos. Concluir o sexto ano do ensino fundamental no povoado de Cruz, àquela época, parecia ser mais que o suficiente para “ganhar a vida” e esta era a prescrição de seu pai, que tendo estudado a 5ª série não enxergava a continuidade da formação escolar como uma necessidade crucial.

A relação entre a dificuldade de dar prosseguimento aos estudos e o cansaço decorrente da sobrecarga de atividades diárias surge também nos relatos de Lúcia. Empregada formalmente em uma empresa gráfica e “nomeada” única incumbida pela limpeza e organização do ambiente doméstico numa casa em que morava com mais quatro irmãos mais velhos, Lúcia cumpria uma jornada dupla de trabalho: “[...] quando eu comecei a trabalhar, que cuidava da casa que eu morava com meus irmãos era muito cansativo. Não tinha vontade de estudar, não. Não tinha coragem. Mas hoje o meu maior arrependimento é ter parado de estudar, mas também não quero estudar mais não! [rimos]”⁷⁷

⁷⁶ Relato de Eleni Vasconcelos, 56 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 19 de agosto de 2019.

⁷⁷ Relato de Lúcia Barbosa, 58 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 09 de abril de 2019.

Curiosamente, os incômodos relacionados tanto a divisão dos afazeres domésticos, quanto às dinâmicas da moradia compartilhada de maneira geral, não surgem nas memórias de Manoel, bem como não existe em seus relatos associação direta entre o impasse de retomar estudos ou ingressar em diferentes modalidades de cursos de formação por consequência do cumprimento das “obrigações do lar”. Se por um lado Lúcia e Eleni descrevem os primeiros meses após a chegada em São Paulo como tempos especialmente difíceis no que diz respeito a adaptação lenta à cidade e ao trabalho, e ressaltam as inconveniências da convivência com os familiares apontando o serviço doméstico como coeficiente aglutinador tanto de conflitos entre o grupo, quanto, na esfera individual, um dos fatores centrais para o abandono dos estudos; por outro, estas mesmas questões inexistem nas falas de Manoel. O trecho de entrevista realizada com Lúcia que se segue pode nos servir de pista para compreender a razão pela qual tais aspectos de uma experiência muito semelhante à sua própria possam ter passado despercebido pelo senhor Manoel:

“Quando eu vim morava Toinha, Edinho, não... Morava Edinho, Manoel, Lola e Luís. Aí depois a Toinha casou, ficou eu, Manoel, e Luís e Lola. Aí eles me faziam de empregada. Eles não tinha responsabilidade de aluguel, não tinha responsabilidade de feira, não tinha responsabilidade de mercado. Aí eu trabalhava, era responsável por tudo! Aí eu comecei a comprar fogão, as coisas pra morar sozinha, aí foi quando apareceu o Domingos [seu atual esposo] na minha vida. Aí eu falei ‘não! É agora que eu caso!’”⁷⁸

Além das circunstâncias comuns aos três entrevistados, tais como a dificuldade em ajustar a rotina de trabalho aos estudos, e falta de apoio ou orientação neste novo mundo que se abre ao viver em uma grande cidade, coadunaram-se no caso destas mulheres elementos específicos que contribuíram para a impossibilidade de investir naquele momento tempo e energia na formação escolar, fato que ainda hoje lhes causa certa tristeza ou arrependimento, e que impactou de forma direta nos desdobramentos de esfera profissional de ambas.

Queremos aqui chamar atenção justamente para a dessemelhança na recuperação de determinados aspectos da experiência destes sujeitos: poderia existir na narrativa de Manoel menção aos mesmos elementos indicados por Eleni e Lúcia? Afinal ele próprio pode realmente não ter encontrado grandes dificuldades em compartilhar o espaço com

⁷⁸ Relato de Lúcia Barbosa, 58 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 09 de abril de 2019.

outros cinco irmãos, por exemplo, tampouco ponderado sobre a intervenção do exercício diário de atividades domésticas sobre a disposição e dedicação em sua formação escolar, estas questões não o afetaram. Isto porque, parecem se tratar de questões relacionadas às discussões de gênero. Eleni, ao contrário, arremata: “E a minha *função* [grifo nosso] eu achava que era aquilo: trabalhar e ajudar a casa onde eu estava até eu me mudar pra um quartinho cozinha que eu fui morar mais duas primas [...]”⁷⁹ Para o usar o termo cunhado por Eleni, a compreensão e o cumprimento das expectativas das “funções” sociais delegadas aos indivíduos baseadas na diferença de sexo interfere na maneira como atuam e percebem “lugares”. Nesta mesma elocução, no entanto, Eleni reformula e questiona a existência destes “lugares”, porque se por um tempo pensou ser “aquilo” a sua função, a decisão mesmo de sair da casa àquela época e, principalmente, o fato de perceber na atual lembrança a incompatibilidade com as percepções sobre “papéis” e “funções” que têm no presente, podem sinalizar a não conformidade com este sistema.

Retornemos às últimas falas de Lúcia e Eleni para comentar a respeito das estratégias por elas utilizadas para responder às situações de que se queixaram no que se refere à moradia compartilhada. Morar sozinha, passar a dividir uma casa com outras mulheres, familiares também migrantes ou amigas, morar em pensões, entre outras formas possíveis de habitar, foram as vias principais e mais imediatas de resolução, pelo menos destas questões. Após a fixação na cidade e o correr do tempo outras questões surgiriam.

2.2 Novos núcleos familiares, maternidade, trabalho e aposentadoria

O matrimônio e os novos núcleos familiares concebidos no seio da sociedade paulistana tratar-se-iam de “presentes do destino”, figurariam como resultado de escolhas conscientes de nossos interlocutores ou constituir-se-iam, na verdade, como uma miscelânea de ambas opções? Eleni, Lúcia e Manoel, entre os variados temas compartilhados durante as entrevistas, contaram-nos do encontro com seus atuais parceiros, da construção de um novo espaço privado e dos rearranjos em suas trajetórias.

O ambiente e as redes de sociabilidades criadas a partir do contexto da fábrica, além de fomentarem historicamente importantes mobilizações e articulações entre as

⁷⁹ Relato de Eleni Vasconcelos, 56 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 19 de agosto de 2019.

classes trabalhadoras, foram capazes também, no caso das histórias de vida de Lúcia e Eleni, de unir corações apaixonados.

Durante quase toda a sua trajetória trabalhista Lúcia se empregou, desde os dezoito anos, em empresas do ramo gráfico. Ao que se recorda, aliás, este seguimento contava à época com notável contingente de mão de obra nordestina, e não raro os colegas de trabalho tornavam-se também grandes amigos. Aprendeu, no exercício da atividade da primeira empresa na qual trabalhou e onde permaneceu por oito anos, a função de bloquista, em que era responsável principalmente pelo acabamento, intercalação, colagem, encadernação e blocagem de materiais gráficos. Nesta primeira empresa também conheceu Domingos, hoje seu esposo e pai de seus filhos:

“Porque foi assim, eu trabalhava na Foroni, e ele trabalhava em uma gráfica na Bresser, só que a gráfica dele faliu, aí o meu patrão comprou a gráfica com os empregados, e aí ele foi trabalhar na Foroni. Na Foroni o Domingos ficou, junto com a outra que ele veio, ele ficou 33 anos, ele trabalhou 14 anos, aí foi mandado embora, aí depois com um ano ele voltou de novo, aí ficou mais 14: 28 anos de Foroni ele teve!”⁸⁰

Parceiros de trabalho, tornaram-se também parceiros na vida. Domingos, que é paulistano, após tantos anos de trabalho aposentou-se no ramo gráfico, ao contrário de Lúcia, que há mais de quinze anos exerce atividades informais para ajudar a compor a renda familiar, uma vez que não retomou ao trabalho formal desde o nascimento de sua segunda filha:

“Então, eu parei de trabalhar assim em firma, mas eu nunca fiquei em casa parada dependendo só do Domingos né? Eu sempre olhei criança, sempre olhava, levava criança pra escola, dos outros né. Hoje eu vendo Natura, faço crochê... Ó, agora você pode comprar pela internet com o meu código, viu?! [todas nós rimos!] Então, foi assim... Ah sim! [fala em tom de que sem lembrou de algo] uma vez eu mais o Domingos fazia doce pra vender na porta da escola, fim de semana...”⁸¹

Elemento importante para a discussão que faremos logo adiante trazido nesta fala de Lúcia e que se aproxima da experiência de Eleni é justamente a necessidade na trajetória de ambas de um período de pausa no estabelecimento de vínculos empregatícios formais para a criação dos filhos e cuidado do espaço doméstico. Os desdobramentos destas pausas, aparecem nas narrativas de ambas vinculadas inclusive aos mesmos

⁸⁰ Relato da Eleni Vasconcelos, 56 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 19 de agosto de 2019.

⁸¹ Relato da Lúcia Barbosa, 58 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 09 de abril de 2019.

sentimentos causados pela interrupção dos estudos no período em que se estabeleceram na cidade.

Em São Paulo, o movimento trabalhista e suas redes de contato, além de articular greves e movimentações pela cidade em prol do cumprimento de seus direitos, articulou também no caso da senhora Eleni o encontro entre ela e o senhor Clarindo, seu esposo. Àquela época, colega de trabalho de um dos primos de Eleni, os dois se conheceram em um almoço de família, tendo sido Clarindo convidado especialmente para conhecer a moça que chegara recentemente do Ceará. O senhor Clarindo, baiano, “retornou” ao Ceará com Eleni no ano de 2018, após décadas vivendo em São Paulo.

Aposentado após trabalhar por mais de vinte anos como barmen em um dos mais famosos e sofisticados restaurantes da capital paulistana, o Terraço Itália, Clarindo exercia a profissão de torneiro revólver em uma fábrica metalúrgica na época em que conheceu Eleni. Esta, que assim como Lúcia, passou por períodos de pausa de atividades formais de emprego entre a gestação, parto e certo período após o nascimento de suas filhas, oferece em seus relatos maneira ímpar de compreendermos como a experiência da maternidade em contexto migratório pode acentuar as vulnerabilidades vividas por mulheres trabalhadoras.

Diversas vezes afirmações sobre as dificuldades do viver em São Paulo aparecem em diferentes momentos nas entrevistas de Eleni. Relacionadas a temáticas múltiplas, estas afirmativas, no entanto, parecem ainda mais frequentes quando o assunto é habitar, se deslocar, trabalhar e se relacionar no ambiente da cidade. Todos estes tópicos, de alguma maneira, já abordados brevemente no capítulo anterior, não foram e nem poderiam ter se esgotado. Quando indagada sobre as sensações e sentimentos que permanecem em sua memória relativas à experiência de ter vivido por tanto tempo em São Paulo, Eleni não faz a separação que aqui empreendemos somente para fins organizacionais de análise; complementares estas dimensões fazem parte, afinal de uma única experiência, uma experiência una. Assim, trabalho, maternidade, casamento e a relação com a cidade são temas que se unem e surgem como resposta à pergunta:

“Ah minha filha, a minha vida foi muito complicada. Uma assim que, a gente sem estudo é muito difícil né? Eu não tinha estudo, então o trabalho que você arranjava era esses trabalhos assim... e morando mais os outros. Morei com tio, depois morei com amiga, aí depois eu fui morar com o Clarindo, aí a gente teve uns altos e baixos. Então não foi muito fácil não a minha vida lá em São Paulo. A gente só trabalhava. Eu me sentia muito sozinha. Tive duas gravidez, as duas gravidez ele [Clarindo, seu esposo]

nem acompanhava porque ele trabalhava demais, quase não ficava em casa. Na época ele fazia dois horários, então ele chegava, dormia um soninho e já voltava pra trás, pra trabalhar. Então assim, teve muitos momentos bons, mas teve... nunca fui de passear, nunca fui em balada, nunca... praticamente eu não conheço nada em São Paulo. Eu saía era do serviço pra casa. Aí quando eu fui morar com ele foi, que as meninas vieram e aí foi que eu não saí mesmo. Então eu não tenho muito assim, de dizer 'ai, eu me lembro muito de São Paulo, porque lá eu passei muito, lá eu passei muitas coisas, lá eu vivi isso, vivi aquilo...' não! Eu vivo mais aqui agora aqui com a minha família."⁸²

Correndo o risco de pecar pela repetição, neste trecho de entrevista, das últimas frases por já terem sido apresentadas e discutidas no capítulo anterior⁸³, a opção por não separar e de certa forma dissociar elementos que aparecem juntos no discurso da entrevistada, se deve ao fato de que, a esta altura, por conhecermos grande parte da trajetória de Eleni, ser possível apreender com mais facilidade as conexões e significados de sua narrativa, além de compreender cronologicamente os arranjos de sua experiência.

Pois bem, a maternidade, em linhas gerais, é um assunto que perpassa de ponta a ponta a narrativa e suscita memórias nos relatos de Eleni. Quando de sua chegada em São Paulo e antes do nascimento de suas filhas, tal tópico manifesta-se em sua fala pela saudade que nutriu por sua mãe, pelas preocupações com a casa que ajudava a manter em Cruz; mais tarde, grávida, o assunto retorna ainda pela falta, pela solidão vivida tanto no período de gestação quanto no processo de criação, em referência ao cotidiano de cuidado das filhas, da organização e manutenção do lar; de volta ao Ceará, a falta e a saudade das filhas é questão ainda urgente⁴ em seus relatos, fato que chega a lhe fazer afirmar ter trocado, ao final das contas, uma ausência pela outra: se em São Paulo a ausência da mãe, no retorno à terra natal, a ausência das filhas.

Em contexto migratório, segundo Ramos⁸⁴, a gravidez e a maternidade podem representar situações de maior complicação e vulnerabilização dadas as condições impostas pela própria migração: aculturação, isolamento/solidão e individualismo, e neste ponto chegamos a mais um entre os aspectos que se somam na diferenciação entre as

⁸² Relato de Eleni Vasconcelos, 56 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 19 de abril de 2018.

⁸³ Primeiro capítulo, p. 23, esse mesmo trecho de entrevista foi exposto para falar sobre a relação com a cidade.

⁸⁴ RAMOS, Nathália. *Gênero e migração: Questionando dinâmicas, vulnerabilidades e políticas de integração e saúde da mulher migrante*. Seminário Internacional Fazendo Gênero (9: 2010: Florianópolis, SC). Anais eletrônicos [recurso eletrônico] / Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. - Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

experiências femininas e masculinas de um mesmo processo de deslocamento. A solidão vivenciada durante a gravidez e a maternidade, de maneira geral, da qual nos informa Eleni, é aspecto comum entre mulheres trabalhadoras migrantes. Ainda segundo Ramos (apud RAMOS, 1993, 2008, 2009):

Tradicionalmente a gravidez constitui um processo iniciático onde a futura mãe tem o apoio e acompanhamento das mulheres da família e do grupo. A migração origina numerosas rupturas neste processo de partilha e de construção de sentido: perda de acompanhamento pelo grupo, falta de suporte familiar, social e cultural e impossibilidade em dar um sentido culturalmente aceitável a disfuncionamentos, tais como a tristeza e sofrimento da mãe, o sentimento de incapacidade, as interações mãe - criança desarmoniosas. Em contexto migratório a família separa-se da vida comunitária tradicional, reduz-se a uma família nuclear, a qual deverá assegurar sozinha as responsabilidades partilhadas até aqui pela família alargada e comunidade. A perda dos laços comunitários e familiares significa a perda da proteção física, psicológica e da tradição. Quando a cultura, o grupo desaparece como fonte de transmissão, nomeadamente ao nível das práticas de maternagem, as competências da mãe são fortemente solicitadas, tendo esta de fazer face às exigências da sociedade em ser, não só uma boa mãe, como ao choque cultural, à adaptação ao novo meio e ao trabalho de luto. Para algumas mulheres dar à luz, longe da cultura materna, da família, sobretudo para as que vêm de sociedades onde estes elementos são fundamentais na transmissão, este luto e afastamento provoca conflitos no papel materno, devido ao desequilíbrio entre as representações maternas e a realidade vivenciada.

Distante de uma rede de apoio com a qual compartilhasse laços sanguíneos e traços culturais, Eleni gestou e pariu duas filhas também distante de uma rede de apoio feminina, de mulheres com quem pudesse dividir estes momentos tradicionalmente vivenciados por toda a família e pela comunidade ampliada. Em São Paulo, residente do bairro de Cidade Tiradentes, afastada em termos geográficos e mesmo práticos do cotidiano de trabalho dos familiares também migrantes, a solidão do materno representou importante aspecto da trajetória de Eleni.

O intervalo de rompimento de atuação no mercado formal de trabalho no período posterior ao nascimento dos filhos é característica comum às trajetórias de Lúcia e Eleni. Ambas relataram a necessidade de abrir mão de seus empregos para dar conta da criação dos filhos e da organização do lar. Enfatizar que esta interrupção no exercício de trabalho formal não significou, contudo, completa paralisação da realização de atividades

informais remuneradas é um movimento empreendido tanto por Lúcia quanto por Eleni, e que por isso não poderia deixar de ser destacado aqui.

Assim como o abandono dos estudos no período em que se estabeleciam na cidade de São Paulo, o afastamento do mercado formal de trabalho durante a juventude em decorrência da maternidade pode representar mais um entre os fatores que contribuem para a existência de um ciclo permanente de vulnerabilizações que marca a experiência de trabalhadoras migrantes. Se no primeiro caso, a falta de qualificação - principal justificativa para manter um número crescente de pessoas desempregadas em um mercado que se torna mais exigente a cada ano - pode reduzir as possibilidades de promoção ou ascensão da carreira profissional e mesmo de inserção, estabilização e permanência no mercado formal de empregos; no segundo, as garantias já tão incertas de êxito nos processos de aposentadoria se tornam ainda mais distantes do horizonte de alcance destas mulheres.

Em comum, ambas as circunstâncias parecem carregar em sua origem estreita relação não apenas com o fato de estas serem trabalhadoras migrantes, mas serem, sobretudo, mulheres. Os quadros de impossibilidade de dar sequência a uma formação escolar e de afastamento do mercado formal de trabalho aparecem nas narrativas tanto de Eleni quanto de Lúcia em decorrência de contextos análogos, bem como se desdobram em situações aproximadas a exemplo da espera atual pela promessa improvável de aposento por idade, já que não chegaram a contribuir em tempo suficiente de trabalho para o Instituto Nacional do Seguro Social, e que por fim dão sustento a sentimentos de arrependimento, frustração e por vezes de culpabilização individual similares.

O movimento de assinalar e colocar em diálogo aspectos comuns das trajetórias de Lúcia e Eleni não significa de forma alguma tentar afastá-las da trajetória de Manoel, nosso terceiro colaborador, até porque, no enfrentamento enquanto classe estes sujeitos experienciam de forma muito aproximada as faces do desemprego, de uma cidadania que se baseia e é validada pela carteira de trabalho, do burocrático processo de aposentadoria e de outros tantos embaraços de âmbito do trabalho, que é justamente a dimensão que se apresenta como característica que de certa forma tende a equiparar vivências. Buscar evidenciar, no entanto, contrastes diante destas semelhanças significa reconhecer que as experiências migratórias e trabalhistas são afetadas e organizadas também pelas questões sociais de sexo, pela categoria gênero, e que, portanto, se apresentam e são vivenciadas de diferentes maneiras por homens e mulheres.

A aposentadoria surge nos relatos tanto de Eleni quanto de Manoel como condicionante de primeira importância para a concretização do projeto de retorno, e, no entanto, até o fim desta pesquisa, nenhum dos dois havia obtido êxito na finalização do processo. Eleni, na realidade, assim como Lúcia, não havia nem mesmo dado entrada aos trâmites de solicitação do benefício, justamente por saber da impossibilidade de pleitear os aposentos por tempo de contribuição frente aos períodos de afastamento do mercado formal de trabalho e consequente pausa do pagamento de tributos à Previdência Social. Com as alterações promovidas pela publicação da emenda constitucional de número 103 no Diário Oficial da União que entraram em vigor ao fim do ano de 2019, para ambas a espera pela aposentadoria por idade poderá ainda se estender⁸⁵.

Nesta linha, como ficam então as mulheres que em algum momento abdicaram do ingresso no mercado de trabalho formal para cumprir as chamadas “atividades do lar”? Independente da realização do retorno, tanto Lúcia quanto Eleni se mantêm ativas no que diz respeito a atuação no mercado informal para a complementação da renda familiar.

De um lado Manoel busca se organizar financeiramente para “voltar” à Garanhuns, Pernambuco, terra natal de Quitéria, sua esposa; de outro “voltou” Clarindo, baiano, com Eleni. O que, afinal, *retornar* pode significar? Que estratégias e discursos acerca do retorno são mobilizados por estes indivíduos?

2.3 Expectativas compartilhadas de retorno

Para onde ir quando voltar a algum lugar tem sentidos simbólico e prático - porque espacial, geográfico - diferentes para as pessoas envolvidas em um mesmo processo migratório? Na prática, a resposta para esta pergunta se dá de acordo com as possibilidades postas a estes sujeitos que passam a compartilhar as perspectivas do “retornar”. Para tentar apreender a partir dos relatos de Eleni e Manoel as maneiras possíveis e encontradas por eles de resolução deste impasse, nos esforçaremos para identificar como as expectativas de retorno aparecem em seus discursos e que elementos os aproximam ou afastam.

⁸⁵ Em novembro de 2019 a Proposta de Ementa Constitucional de Reforma da Previdência entregue pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, que já havia sido apresentada no ano de 2016 pelo então vice presidente Michel Temer da República, foi aprovada pelo Congresso Nacional após aproximadamente nove meses de tramitação. Veja mais a respeito em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc103.htm. Acesso em novembro de 2020.

O retorno idêntico, como vimos no capítulo anterior, não existe nem mesmo para o próprio sujeito que regressa⁸⁶, ainda assim, a perspectiva de Manoel parece considerar, o movimento de acompanhar sua esposa na volta seu ao lugar de origem enquanto um retorno legítimo mesmo para ele, uma vez tendo ambos chegado a um acordo:

“[...] que o meu sonho é ir pra Bahia e o da minha esposa é de ir pra Pernambuco, né? Então a gente está nesse pensamento, né. Ela pelo fato de ter os pais dela lá, idosos que ela quer cuidar, e da velhice dos pais dela ajudar, estar pra cuidar deles, pra tratar deles, né, e eu porque eu quero ir pra minha terra, mas assim, isso não tá definido ainda, se eu vou pra Bahia ou se eu vou pra Pernambuco, mas a gente vai chegar num consenso, obviamente eu vou ceder porque eu vou ajudar minha esposa a cuidar dos pais dela. Eu infelizmente não tenho mais meus pais vivos então não vou ser egoísta neste ponto de dizer assim ‘não, não vou pra lá. Eu quero ir pra Bahia, você vai pra Bahia, ou, você vai pra Pernambuco e eu vou pra Bahia’, então a gente vai chegar num consenso aí, e assim que bater o martelo pra minha aposentadoria eu pretendo ribar o... pegar o *asador*⁸⁷ e ribar daqui de São Paulo porque eu não aguento mais essa cidade, né!”⁸⁸

Empreender com Quitéria o que para ela poderia ser uma espécie de volta para casa, pode significar para Manoel, antes de mais nada, a oportunidade por ele aguardada de romper os laços há tanto tempo cultivados com uma cidade e mesmo um modo de vida. Neste trecho, inclusive, evidencia-se a condição crucial para a concretização do retorno sobre a qual discutimos anteriormente: a aposentadoria.

Mais de uma vez a relação entre contribuir ao crescimento da Nação através do trabalho e ser retribuído pelo Estado por meio da garantia de direitos fundamentais é suscitada por Manoel principalmente enquanto crítica não exatamente a este sistema de trocas no qual dar para receber é o meio mais provável e ainda assim incerto de salvaguarda do próprio exercício de cidadania, mas à percepção de desapontamento que tem sobre o fato de ter por tanto tempo trabalhado e se doado em prol de um projeto de cidade e país que até lhe faz sentido quando chega aos ouvidos – ou fez em algum momento -, mas que em termos práticos não lhe devolve em crença ou em moeda tamanha dedicação e preocupação com o bem-estar, o envelhecer, e o bem viver de maneira geral.

⁸⁶ Ver primeiro capítulo, p. 28.

⁸⁷ Expressão equivalente a avião.

⁸⁸ Relato de Manoel Gomes, 65 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 22 de janeiro de 2020.

É nesta linha de pensamento que Manoel comenta tanto as lutas de habitação por ele travadas nas décadas de 1980 e 1990 para obtenção e construção de terreno e casa própria, quanto as lutas que trava hoje no enfrentamento ao desemprego, ao processo de aposentadoria e ao sentimento de ceticismo e incredulidade que atribui à democracia brasileira porque não lhe reconhece ou assegura o mínimo como se propõe constitucionalmente. A este respeito, Vera da Silva Telles, em análise fecunda sobre a “questão social” no Brasil e o que chama de persistente e desde sempre presente pobreza enigmática, afirma:

Tal como foram institucionalizados [os direitos sociais] na sociedade brasileira, estabeleceram uma relação vertical com o Estado, que retribui na medida da contribuição de cada um, formalizando no mundo público da lei uma matriz privada na qual as garantias contra a doença, a invalidez, a velhice, a orfandade dependem inteiramente da capacidade – e da possibilidade, diríamos nós - de cada um em encontrar o seu lugar no mercado de trabalho.⁸⁹

Sem esta colocação, os desempregados, subempregados, trabalhadores sem emprego fixo ou ocupação definida, como é o caso de todos os colaboradores entrevistados durante esta pesquisa são, conforme argumenta Telles, transformados em uma espécie de pré-cidadãos, efeito na cultura política do país e na armadura institucional dos direitos sociais que tem origem, segundo a autora, na percepção histórica dos direitos como doação de um Estado protetor e a experiência de cidadania dissociada da liberdade política, como valor e como prática efetiva, e que se confunde, se reduz, ao acesso aos direitos sociais em que: “a lei, ao invés de garantir e universalizar direitos, destitui indivíduos de suas prerrogativas de cidadania e produz a fratura entre a figura do trabalhador e do pobre incivil.”⁹⁰

A possibilidade de sair de São Paulo parece manifestar-se na fala de Manoel, sobretudo, enquanto oportunidade de escape e momento de trégua e quietação da rotina da cidade, dos barulhos do bairro em que mora, da pouco ou quase nulo acesso aos aparelhos de lazer e cultura oferecidos pelo município, e principalmente da jornada de uma vida inteira de trabalho. Por meio de sua fala também somos de certa forma levados a supor que estes são também os anseios de sua esposa e que o projeto migratório é tecido em dupla.

⁸⁹TELLES, Vera Silva. *Pobreza e Cidadania*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP/Editora 34, 2013, p. 25.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 23-24

Para além da aparente construção conjunta de um projeto de retorno que se faz no presente, a narrativa de Manoel a respeito das relações afetivas engendradas na cidade de São Paulo nos dá pista da intencionalidade e preferência pelo cultivo e desenvolvimento no passado de relacionamentos e vínculos pessoais que levaram em conta, de maneira geral, o local de origem dos sujeitos enquanto fator determinante de aproximação como uma estratégia de autopreservação. Efetivamente, o ambiente do trabalho e o próprio bairro de residência facilitavam estes encontros, uma vez que nestes espaços confluíam contingentes expressivos de trabalhadores nordestinos e migrantes de todo o país. A este respeito, Manoel relata:

“[...] no bairro em si, a maior parte das pessoas que eu conheci e tinha amizade os pais eram tudo nordestino também de Pernambuco, do Ceará, da Bahia, mais da Bahia, parece que a Bahia era o foco... mas assim, eu sempre tive o contato, a vivência com pessoas do norte. Na escola, no trabalho, nas indústrias também o nosso contato mais... a não ser os cabeças mesmo gerente, diretores, a maior parte dos cabeças eram todos paulistanos ou até mesmo gringos, mas enfim, a minha vivência na Vila Alpina, na Vila Zelina também que eu morei e na Vila Prudente também eu morei, o contato que eu tive mais é com nordestino mesmo, não era muita gente de São Paulo não, tive muito contato com filho de nordestino nascido aqui em São Paulo.[...] Esse contato foi bem, digamos assim, íntimo de nordestino, e a assim, e a gente sempre procurou também ter os amigos mais íntimos que fossem nordestinos também. Porque a gente tem mais facilidade de ter um diálogo um com o outro também né, sem ter aquela gozação de ‘ah, você é do nordeste’, ‘é cabeçudo’, aquela coisa toda né, a ignorância do povo antigamente né, então... Hoje essas coisas já não me afetam mais em nada, antigamente até me afetava, mas hoje não, pra mim é beijinho no ombro e tchau tchau.” [nós dois rimos]⁹¹

A “facilidade” de dialogar com pessoas de uma origem regional comum e com as quais prioriza conviver em contraposição à “gozação” da qual nos informa Manoel através deste trecho de entrevista faz emergir característica há muito tempo presente na sociedade brasileira que de tempos em tempos submerge de um lugar que por vezes intenta-se manter oculto ao debate, mas que historicamente não logrou esconder completamente a existência.

⁹¹ Relato de Manoel Gomes, 65 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 22 de janeiro de 2020.

As faces do preconceito tanto no ambiente da fábrica quanto da cidade de maneira geral, revelam, conforme afirma Fontes, que a incorporação da população nordestina ao mercado de trabalho paulista foi mais problemática e complexa do que em geral supunha à época a literatura sobre migrações internas. Processo contraditório, longe de uma simples transferência de mão-de-obra de regiões menos desenvolvidas aos centros do capitalismo industrial, a migração despertou e exacerbou desde a década de 1950 preconceitos e divergências profundas, que se fizeram presentes na forma de discriminação tanto da parte dos empregadores contra os trabalhadores de origem nordestina, quanto do conjunto da sociedade como um todo, e inclusive entre os próprios trabalhadores.

Ainda que todas as pessoas entrevistadas durante esta pesquisa tenham reconhecido a existência de movimentos e ondas discriminatórias na sociedade receptora, na região Sudeste e no Brasil de maneira geral, nenhuma utilizou termos como “discriminação”, “preconceito” ou noções análogas para se referir às situações vivenciadas, ainda que, como na fala anterior de Manoel, tenham afirmado sentir-se em algum momento afetados por comentários preconceituosos de colegas de trabalho, escola e afins.

Chama-nos atenção, no entanto, dois comentários feitos pelo senhor Manoel em diferentes entrevistas. O primeiro em uma conversa do início do mês de abril do ano de 2019, em que diz: “Essas diferenças de ser taxado como baiano, como isso, como aquilo em São Paulo sempre teve e sempre vai ter, não vai mudar. Mas na verdade eu nunca me preocupei com isso porque eu não considero isso como uma discriminação, mas muitas pessoas às vezes pensam nesse sentido.”⁹² O segundo, em agosto do mesmo ano, com relação à maneira como é tratada a população nordestina pelos paulistanos e também em referência às recorrentes declarações de ataque à gente nordestina feitas pelo então presidente Jair Messias Bolsonaro à época das eleições presidenciais e sequente posse do cargo pelo mesmo noticiadas pela mídia⁹³:

“Eu nunca tive esse tipo de preconceito porque assim, eu sou muito muito mais eu assim! Eu sou muito mais eu. Quando o cara fala mal do nordestino, pra mim, ele é ignorante, só isso. Eu atribuo a ignorância, cê

⁹²Relato de Manoel Gomes, 65 anos, em entrevista realizada em conjunto pela autora e orientadora no dia 03 de abril de 2019.

⁹³ Em sete meses de governo o presidente Jair Bolsonaro não poupou sinceridade em declarações públicas. No que diz respeito aos nordestinos, em data próxima a entrevista realizada com o senhor Manoel, o estadista mais uma vez causou polêmica. *Após chamar nordestinos de “paraíba”, Bolsonaro diz que ama o Nordeste*. 23/07/2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/apos-chamar-nordestinos-de-paraiba-bolsonaro-diz-que-ama-o-nordeste/>. Último acesso em agosto de 2019.

entendeu? E assim, cada um tem a sua maneira, seu dialeto e tal. São Paulo nesses aspectos tira muito sarro, né? Como o carioca tira do paulista, como o carioca tira do paraíba, fala que é paraíba, né? Mas olhando por esse aspecto aí, a gente tem um presidente da República que critica o nordestino, né. Então é questão de ignorância mesmo do povo. [...] O que o pessoal fala ou deixa de falar nesse caso não vai me afetar. [...] No geral eu acho o povo paulistano muito amistoso, muito bacana. É lógico que eu não vou considerar a receptividade que tem o povo do nordeste com o que tem o povo do sudeste, né? É questão de hábito de cada estado, de cada cidade, cada um tem a sua maneira de tratar, de receber [...]”⁹⁴

Embora pareçam contraditórias, as falas do senhor Manoel acima destacadas revelam de um lado o esforço pessoal desenvolvido no entremeio dos registros de aprendizados individual e coletivo ao longo dos anos para lidar com discursos e ações discriminatórias: não há negação da existência de preconceito, o que existe é na realidade a resolução consciente de não permitir que este preconceito modifique o modo como enxerga a si próprio, aos seus e aos lugares que sente pertencer; por outro lado indica que, assim como o enigma da pobreza cunhado por Telles, é possível pensarmos analogamente em um preconceito que teima, insiste em permanecer.

O retorno ao Ceará para a senhora Eleni, ao contrário do que foi sua chegada em São Paulo vinte e nove anos antes em termos de planejamento individual, contou com as variáveis de um projeto migratório elaborado no seio do núcleo familiar. Em sua companhia, inicialmente, mais três pessoas efetuariam tal deslocamento e para cada uma delas não apenas os significados do movimento migratório seriam distintos, mas as próprias intenções ao migrar, uma vez gestadas no equilíbrio entre as dimensões individual e coletiva de planejamento durante o período de mais de uma década.

A atribuição de sentidos da volta à cidade de Cruz sugerida por meio da narrativa de Eleni é ampla e diversa, dentre eles podemos observar a intenção de recuperar em descanso e calmaria os anos tribulados de trabalho na metrópole paulista, de findar o ciclo há tanto tempo nutrido de saudade da família e da terra, aproveitar a companhia e restabelecer em companheirismo a relação aparentemente fragmentada com seu esposo pelas corridas do cotidiano, retomar de certa forma o próprio curso da vida em sentido abrangente por acreditar não ter, em suas palavras, “aproveitado” São Paulo, e enfim todas expectativas por tanto tempo alimentadas e renovadas desde o momento em que recebera de sua mãe o terreno no pequeno vilarejo de nascimento e início da construção da casa em que hoje reside com o senhor Clarindo.

⁹⁴ Relato de Manoel Gomes, 65 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 08 de agosto de 2019.

Apesar de manter, a princípio, familiaridade e anseio particularmente mais vívidos que qualquer outro membro de sua família em relação a ideia de deslocamento para o Ceará, ao rememorar os termos da deliberação supostamente conjunta do retorno, Eleni apontou durante a última entrevista realizada no período desta pesquisa para uma questão até aquele momento inédita e tanto quanto inesperada ao relacionar a possibilidade efetiva de retornar para a sua terra natal à conclusão do processo de aposentadoria de seu esposo:

“[...] desde quando a gente se conheceu, Clarindo foi pra lá a primeira vez, ele se encantou com o lugar lá, queria morar lá. Aí a gente foi uma vez, a primeira vez a gente passou treze dias; de uma outra vez a gente passou sete dias, foi tudo coisa pouca, aí teve uma vez que a gente foi e passou quinze, e sempre ele gostava de lá, sempre ele se encantou com lá... aí começou dizer que ia fazer uma casa lá, mas eu nunca... apesar de a minha família morar lá, minha mãe e tudo, eu nunca cheguei pra ele de dizer assim ‘eu quero morar lá, eu quero que você faça uma casa lá’, nunca! Foi decisão dele. [...] E aí como a casa já tava feita, a gente tinha gastado um absurdo, ele se aposentou, e aí disse que não queria mais trabalhar aqui... Ia fazer o que aqui em São Paulo? Aqui em São Paulo a gente não vive sem trabalhar! Tem que trabalhar. E aí ele falou: ‘vamo embora’. E aí é marido, que que eu podia fazer? Acompanhei. Falei: ‘vamo embora’”.

Cabe detalhar aqui o ponto da entrevista e contexto da conversa em que a senhora Eleni destacou o trecho transcrito acima. Depois de comentar a respeito da prorrogação obrigatória de início aos trâmites processuais para pleitear sua aposentadoria, dada a já comentada implementação do projeto de lei que alterou no ano de 2019 os parâmetros etários para a solicitação do direito pelos trabalhadores e afirmar a estreita relação entre o resultado da aposentadoria de seu esposo e a efetiva possibilidade de concretizar o projeto de retornar ao Ceará, Eleni pela primeira vez em mais de um ano de um ano de pesquisa afirmou não ter sido a decisão do retorno um plano inicialmente pensado em conjunto.

No contexto desta última entrevista, realizada no bairro de Cidade Tiradentes, Eleni viajava a passeio pela cidade de São Paulo desde o Natal, e passara as festas de fim de ano em companhia de Amanda e Rafaela, suas filhas. Enfrentava naquele momento sentimentos de culpa e frustração, como afirmou diversas vezes durante a mesma conversa, pelo fato de ter ido embora e deixado suas filhas. Somada as inquietações individuais relativas ao estranhamento vivido em decorrência do retorno, as preocupações e culpabilizações que acredita ser o resultado *natural* de um modo de operar intrinsecamente ligado a maternidade, e por isso mesmo distante do horizonte de experiências de seu companheiro, a senhora Eleni lidava ainda com os desacertos da

dificuldade do senhor Clarindo em se habituar aos novos espaços e pessoas com as quais passara a conviver no povoado de Cruz:

“Ele tá super perdido. Clarindo ficou super perdido, eu até falo pra ele assim: ‘Eu não entendo como que um lugar que na sua boca era paraíso e de repente vira um inferno’, porque hoje eu acho que ele descreve, lá onde nós estamos morando, não com essas palavras ‘inferno’, mas uma coisa assim, muito sem sentido de ele viver lá. Ele fala que não se enturmou com ninguém, que ele lá não tem amigos, que ele lá não pode criar, segundo ele... porque lá é assim, lá não é lugar que tenha pasto, que nem na Bahia tem muito pasto né, pra criar animais e essas coisas assim, lá não tem.”⁹⁵

O sentimento de desenraizamento com frequência experienciado por migrantes de retorno do qual nos informa Sayad⁹⁶ pode de alguma maneira nos ajudar a compreender o caso de Clarindo, mas parece ainda insuficiente para compará-lo as inquietações vividas por Eleni, justamente porque para ele não se trata efetivamente em nenhum aspecto do movimento de deslocamento por ele efetuado de um processo de “retorno”. Perscrutar a partir da narrativa do próprio sujeito pode ser, como foi nesta pesquisa, meio e método, para compreensão das aspirações e expectativas individuais que o moveram.

O desassossego da narrativa de Eleni no trecho de entrevista que se segue, registrado quase dois anos após retornar a sociedade de origem, parece coadunar elementos e atravessamentos que se perfizeram por toda a sua trajetória migratória, os quais também buscamos elucidar brevemente neste estudo, para pensar além dos significados do retorno as dessemelhanças que marcam as experiências masculinas e femininas de migração como um todo:

“Eu me sinto culpada, agoniada até! Eu me sinto agoniada. Pelo fato de eu ver elas [suas filhas] sozinhas e saber que eu não posso ajudar. Eu não posso voltar. Eu não posso levar elas pra lá, que são de maior, eu não posso dizer assim: ‘você tem que ir’, eu não posso fazer isso, só se elas quisessem né? [...] Agora, o pai delas não tem noção disso não. Eu acho que porque pai é diferente. Não todos os pais, tem pai que as vezes até mais preocupado de que a mãe, mas o Clarindo não é, ele só acha que as meninas já são de maior, que elas têm que ter responsabilidade, trabalhar e viver a vida delas. ‘Não tem que se encostar em homem’, ele fala, sempre falou, isso é dele. Que não tem que se encostar em homem, que não precisa. Eu não sei se é por... bom, vamos deixar quieto... [neste momento Eleni faz gestos como que fazendo referência a sua própria condição] E enfim... ele não é assim...”

⁹⁵ Relato de Eleni Vasconcelos, 56 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 24 de janeiro de 2020.

⁹⁶ Ver primeiro capítulo, p. 27.

Ele se preocupa sim, mas a minha preocupação, não se é também porque eu sou assim, que nem a Rafaela diz, eu sou muito agoniada, extravaso demais assim na preocupação, eu sou muito mais do que ele, ele é muito mais tranquilo, muito mais tranquilo.”⁹⁷

Mesmo que de volta a Cruz, a cidade onde nasceu e pela qual durante vinte e nove anos regou as sementes de saudade plantadas no momento em que partiu, Eleni foi fiel a um projeto de retorno arquitetado inicialmente pela figura de seu esposo diante de condições materiais que colaboraram para criar uma situação de dependência financeira na relação estabelecida entre o casal, afinal, se ele aposentado, ela mais próxima do estado vulnerável de pré-cidadã do qual debate Telles.

A atual situação de vulnerabilidade da qual nos informa Eleni não pode ser interpretada enquanto fenômeno isolado de sua trajetória, mas relacionada a um ciclo que se inicia antes, quando da necessidade de renúncia, por exemplo, em dar seguimento a uma carreira profissional em prol da estruturação e organização familiar e do lar, ou quando da sobrecarga de tarefas domésticas que se somou aos outros tantos fatores que a distanciaram da possibilidade de se dedicar a uma formação escolar e que inevitavelmente, no sistema de colocação trabalhista posto, prejudicou a inserção, promoção e/ou permanência no mercado formal de trabalho.

Longe de apresentarem-se enquanto características particulares da trajetória migratória de Eleni, como vimos, estes atravessamentos em muito se aproximam da vivência de Lúcia, mulher e migrante nordestina com a qual compartilha experiências em comum no que se refere as relações familiares e de trabalho tecidas no interior da sociedade receptora e de origem, e que por conseguinte parecem tratar-se de aspectos que se distanciam de uma interpretação única e universalizante da experiência de migração nordestina em São Paulo.

⁹⁷ Relato de Eleni Vasconcelos, 56 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 24 de janeiro de 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim e ao cabo é possível destacarmos algumas observações acerca dos assuntos tratados nesta pesquisa – que para além de não se esgotarem após este esforço primeiro de compreensão de um fenômeno demasiado complexo como é o da migração, não se estagna ou imobiliza com a conclusão da escrita deste trabalho. Para lembrar Thompson, as experiências dos indivíduos continuarão a ocorrer no espaço e no tempo independente da academia, sem bater à porta ou avisar previamente estudiosos que se atenem, que se atentem.

Trazer à cena as principais e mais interessadas personagens envolvidas nos processos migratórios para tentar compreender razões e motivações pessoais dos deslocamentos em detrimento às explicações e interpretações que retiram dos indivíduos não apenas o controle, mas a agência de seus próprios empreendimentos, felizmente não figura grande novidade em termos de método ou abordagem historiográfica, mesmo no tocante ao tema das migrações. Tal abordagem, no entanto, nos auxilia na formulação de questões que transbordam temas já amplamente discutidos, a exemplo da migração de trabalhadoras e trabalhadores nordestinos para São Paulo.

O movimento recente de retorno destes e destas trabalhadoras às cidades natais, embora chame atenção e abra espaço para uma série de indagações, como as feitas ao longo deste trabalho, deve ser observado de maneira abrangente, em diálogo com as demais etapas do projeto migratório, uma vez que compreendemos o retorno enquanto elemento constitutivo do fenômeno da migração. No interior destes processos, pertinentes são as questões que se originam e desdobram nos percursos traçados por estes indivíduos. Percursos estes, que como vimos, podem se diferenciar de acordo com o sexo, e esta sim, é uma possibilidade de análise encontrada no decorrer desta pesquisa.

As imbricações existentes entre o fenômeno migratório e a categoria gênero, assinalada pelas relações sociais baseadas na diferenciação por sexo, parecem figurar frutuoso campo para investigação. As discussões iniciais feitas no segundo capítulo deste estudo apontam para a necessidade de elaboração de análises que levem em consideração fatores como sexo e raça, por exemplo, para uma interpretação e compreensão mais amplas dos processos migratórios.

Além disso, outras questões vêm à tona. Uma abordagem histórica que busque perscrutar possíveis redes sociais construídas e articuladas pelos moradores do bairro de Cidade Tiradentes em virtude de um determinado contexto compartilhado por estes sujeitos e que conecte por exemplo experiências e noções baseadas no local de moradia, trabalho e uma origem migrante comum e que possam pesar na possibilidade de constituição de um senso comunitário, poderão aprofundar nosso conhecimento acerca deste bairro que, como vimos, representa espaço privilegiado de acesso às histórias e experiências de migrantes nordestinos em São Paulo.

Desta maneira, pensando ainda na possibilidade de trabalho com as fontes orais, as memórias narradas por homens e mulheres residentes ou que já residiram no bairro, e portanto dando maior ênfase em primeiro momento às experiências individuais, a busca por tentar compreender as trajetórias de trabalhadores migrantes nordestinos tanto no que se refere ao movimento migratório em si, levando em consideração os diferentes fatores objetivos e subjetivos que atravessam os percursos traçados por estes sujeitos tais como gênero, por exemplo; quanto às vivências aproximadas relacionadas aos espaços físico e simbólico do bairro e por meio dos quais estas trajetórias podem ser analisadas individual e coletivamente, poderão se cruzar para a compreensão das experiências deste grupo específico formado pela população de origem de origem nordestina, que planejando o retorno a terra natal ou tendo retornado, habita ou habitou o bairro de Cidade Tiradentes.

REFERÊNCIAS

Fontes:

IBGE. *Censo Demográfico 1980:Dados Gerais – migração, instrução, fecundidade, mortalidade*. Rio de Janeiro, 1982.

IBGE. *Censo Demográfico 1991: Migração – Resultados da Amostra*. Rio de Janeiro, 1991.

IBGE. *Censo Demográfico 2010: Resultados Gerais da Amostra*. Rio de Janeiro, 2010. Errata publicada em 28/06/2012.

_____. *Nupcialidade, Fecundidade e Migração – Resultados da Amostra*. Rio de Janeiro, 2010.

Relato de Eleni Vasconcelos, 56 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 19 de agosto de 2018.

Relato de Eleni Vasconcelos, 56 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 19 de agosto de 2019.

Relato de Eleni Vasconcelos, 56 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 24 de janeiro de 2020.

Relato de Lúcia Barbosa, 58 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 09 de abril de 2019.

Relato de Manoel Gomes, 65 anos, em entrevista realizada em conjunto pela autora e orientadora no dia 03 de abril de 2019.

Relato de Manoel Gomes, 65 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 08 de agosto de 2019.

Relato de Manoel Gomes, 65 anos, em entrevista realizada pela autora no dia 22 de janeiro de 2020.

Bibliografia

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2ª ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

- ANTICO, Cláudia. *Por quê migrar?*. In: BAENINGER, Rosana; BÓGUS, Lúcia; JANNUZZI, Paulo; PATARRA, Neide. (orgs.) *Migração, condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo 1980-1993*. Campinas, SP: UNICAMP. IE, 1997.
- BAENINGER, Rosana; BÓGUS, Lúcia; JANNUZZI, Paulo; PATARRA, Neide. (orgs.) *Migração, condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo 1980-1993*. Campinas, SP: UNICAMP. IE, 1997.
- BAENINGER, Rosana; QUEIROZ, Silvana Nunes de. *Migração de Retorno: O Caso Recente das Migrações Cearenses*. Revista Econômica do Nordeste. Fortaleza, v. 44, n. 4, p. 833-850, out- dez 2013.
- FAZITO, D. *Dois aspectos fundamentais do “retorno”: símbolos e topologias dos processos de migração e sua circularidade*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 2005.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.) *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.) *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945 – 1966)*. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2002.
- MAIA, Kenia Soares; ZAMORA, Maria Helena Navas. *O Brasil e a Lógica racial: do branqueamento à produção de subjetividade do Racismo*. Psic. Clin., Rio de Janeiro, vol. 30, n.2, p. 265 – 286, 2018.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Desafios da História Oral Latino-Americana: O Caso do Brasil*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.) *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- PACHECO, Carlos Américo; PATARRA, Neide. *Movimentos migratórios anos 80: novos padrões?* In: BAENINGER, Rosana; BÓGUS, Lúcia; JANNUZZI, Paulo; PATARRA, Neide. (orgs.) *Migração, condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo 1980-1993*. Campinas, SP: UNICAMP. IE, 1997.

- PORTELLI, Alessandro. *Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade*. Revista Projeto História, São Paulo, nº 14, São Paulo: Educ, 1997.
- PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. Projeto História, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.
- RICOUER, Paul. *A história, a memória, o esquecimento*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.
- SANTHIAGO, Ricardo. *Da fonte oral à história oral: debates sobre legitimidade*. Saeculum – Revista de História. João Pessoa, jan/ jun., 2008.
- SAYAD, Abdelmalek. *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.
- SAYAD, Abdelmalek. *O Retorno: elemento constitutivo da condição de imigrante*. Revista Travessia, n. especial, jan. 2000.
- SILVA, Uvandererson Vitor da. *Velhos caminhos, novos destinos: Migrante nordestino na Região Metropolitana de São Paulo*. Tese (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.
- SIMMONS, Allan B. *Explicando la migración: la teoría en la encrucijada*. Revista Estudios Demograficos y Urbanos, vol. 6, n.1, p. 5-31. México. El Colegio de Mexico, (jan -abr), 1991.
- SOUSA, Adriano José de. *Cotidiano e Lutas Sociais na Periferia de São Paulo: Sujeitos Históricos da Urbanização de São Mateus (1950-1992)*. Anais do XXIV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP: História e Democracia, precisamos falar sobre isso, 2018.
- THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- THOMPSON, Edward P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.